



UNILAB

Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira

**INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS (IHL)
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

EMANUEL DE JESUS CORREIA SEMEDO

RABELADOS: FENÔMENO SÓCIO RELIGIOSO DE CABO VERDE

**São Francisco do Conde
2016**

EMANUEL DE JESUS CORREIA SEMEDO

RABELADOS: FENÔMENO SÓCIO RELIGIOSO DE CABO VERDE

Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Karl Gerhard Seibert.

São Francisco do Conde
2016

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

S471r

Semedo, Emanuel de Jesus Correia.

Rabelados : fenômeno sócio religioso de Cabo Verde / Emanuel de Jesus Correia
Semedo. - 2016.
83 f. : il. mapas, color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2016.

Orientador: Prof. Dr. Karl Gerhard Seibert.

1. Cabo Verde - Aspectos religiosos - Cristianismo. 2. Catolicismo - Cabo Verde.
3. Minorias - Cabo Verde. 4. Rabelados. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 280.20960

EMANUEL DE JESUS CORREIA SEMEDO

RABELADOS: FENÔMENO SÓCIO RELIGIOSO DE CABO VERDE

Trabalho apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em 29 de novembro de 2016.

Banca Examinadora

Dr. Karl Gerhard Seibert - Orientador

Doutor em Ciências Sociais - Estudos Africanos pela Leiden University.
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Dr.^a Cristiane Santos Souza

Doutora em Antropologia Social, pela Universidade Estadual de Campinas.
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Dr. Rafael Palermo Buti

Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina.
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Dedico este trabalho à minha namorada e a todos os meus familiares pelo apoio e suporte dado durante a minha trajetória.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradecer a Deus, que nunca me faltou saúde, motivação e equilíbrio emocional para enfrentar as dificuldades na minha caminhada, mesmo nos momentos mais difíceis sendo meu amparo e refúgio.

Ao meu pai e a minha irmã que ambas hoje não se encontram fisicamente entre nós, partindo para outro mundo num momento da minha ausência, mas sinto que eles sempre me acompanham, e com certeza estão orgulhosos do filho, irmão.

A minha mãe, a minha avó Gregória que se não fosse por amor e boa vontade dessas duas mulheres batalhadoras esse meu sonho não teria a concretização, me falta palavras para descrever o quão grato eu sou por ser filho e neto dessas duas mulheres.

Em especial, a minha sobrinha, Edmara por ser a minha expiração, representando uma esperança de dias melhores.

Aos meus irmãos e a todos os meus familiares e amigos, que tanto contribuíram para que esse momento tornasse possível, mesmo quando a vontade foi de abandonar tudo e voltar para perto deles.

Ao meu primo irmão Danilson pelo apoio e companheirismo, que ele tem me dado durante esse tempo, muitas vezes sendo mais de que um primo, mais do que um irmão, mas sim um bom pai.

A minha namorada Emilly, pelo amor e pelo apoio que tem me dado desde a primeira vez que os nossos destinos se cruzaram, me suportando incentivando principalmente nas fazes mais difíceis da vida, me fazendo acreditar que eu sou capaz.

Aos meus amigos Braima, Edu, Isna, Agostinho, Iuri, e amigas Lenira, Beatriz, Sara, Rafaela, Edsana, e todos outros que fazem parte do meu cotidiano na UNILAB, frisando que é pelo privilégio de conviver diariamente com vocês, que para mim representa uma nova família.

A comunidade dos rabelados de Espinho Branco em especial na pessoa de Misá, Zí, Tó, e todos os outras amáveis criaturas que fazem parte da comunidade desde crianças aos mais velhos, pela receptividade calorosa que me proporcionaram durante minha pesquisa e por ter colaborado para que ela se realizasse.

A Doutora Cristiane Souza na qualidade de professora me incentivou na escolha do tema, na qualidade de coordenadora do núcleo NYEMBA e do grupo de pesquisa de iniciação científica, criou em mim o gosto pela leitura e o exercício da escrita, e na qualidade de coorientadora deu o seu máximo para acompanhar todos os meus passos.

A professora Juliana que num certo tempo onde eu encontrava meio perdido em relação a delimitação da abordagem me encaminhou e indicou matérias de apoio.

Ao meu querido Professor Orientador Doutor Gerhard Seibert, pela paciência, dedicação que até então ele tem se mostrado em relação ao meu trabalho, e por tudo que ele fez durante todo esse período de orientação, espero poder contar com ele nos próximos passos nessa caminhada acadêmica.

Por fim, a todos e todas que acompanharam de perto o meu trabalho.

Muito obrigado a todos e a todas.

#AAT (Amor Antes de Tudo)

*Es fla mundo é d' kes k sunha, ntom bem nu bai revendika nôs lugar.
Moda Rosa Park, bem nu bai revendika nôs lugar.
Nós luta é pa vida, nós kausa é maior y mas justu,
nta luta pa vida, honra vida k ta pulsa na nha pulsu.
É mori ta luta ou vive ta lamenta.
Pior k ka Konsigui é karega kulpa de nunca tenta.
Tenta! Tenta! Marca bu prezenti bu dexa marka de bu prezensa e lembra!
Só ta marka stória kes k marka diferença, por isso mi é differenti.
Sunhador y visionario, mi n'tem vizom vontade y vóz.
y si mundo é de kes k' sunha, nka tem dúvida me d'nós.
Mi é lion africano, trigui ciberianu, Nta vivi ku mesmu gara de guerra k' libertanu.
Nka ta garanti vitória ma nta promete
luta na lado de kes k marcha pa kausa kin nta kridita
Nta kridita na sonhu, amor y vida. Na virtude valor di liberdadi y justiça.
Nkre ser livre pan lavra e kultiva amor, nkre ser livro pa lavra pa inxina amor.
Mas k kabuverdianu afrikanu mi é ser humanu.
Ser universal sem ser d' kualker lugar mi é ser humano.
Mi é de qualquer parti, parti de qualquer povo de um povo sem frontera!
Nunka n'odja diferença na cor! Pa mi vermelho també é speranza e verdi podi ser guerra!
Nta representa um kor d'sangui nunca um kor d'peli, mi é préto d'Berlim e branku de Nova
Deli! Mininas d'Pequim e mininus d'Nova Jersey,
Senhoras de'Bemin e homis d'Budapeste.
Mi! Mi! Mi é Nortu Sul kaulker Coreia
N'ta ripresenta ovelhas d' um rebanhu, abelhas d'um kolmeia.
Homis d'quato kantu de cinku kontinenti
Bandera branku, idial klaru y konscencia transparenti.
Amor antis d' tudo pamodi deus é amor y amor é nha religion.
Nha Deus é universal.
Ka existe templo maior k' nha korason.
Ser universal!*

**Edyoung Lennon, Detroit Kabuverdianu - no Programa Conversas ao Sul da
RTPÁFRICA, 13 de out. 2016.**

RESUMO

O estudo aborda a formação e a trajetória de um grupo sócio religioso específico de Cabo Verde. Trata-se dos Rabelados, surgidos no interior da ilha de Santiago, fazendo parte de uma comunidade com afirmação de uma identidade religiosa tradicionalista, que se formou a partir de reformas religiosas Católicas feitas em Cabo Verde nas décadas de 1940. Através de uma abordagem etnográfica, pretende-se demonstrar qual era a forma autônoma de vida que essa comunidade adotou, analisando as práticas e a trajetória coletiva, dando ênfase ao “processo de transição” que o grupo foi sujeito a partir do contato com a artista plástica, poetisa e ativista cultural cabo-verdiana reconhecida internacionalmente, Maria Isabel Alves (Misá). Por fim, será feita uma análise comparativa entre os Rabelados e alguns movimentos surgidos na região da África Central e também alguns movimentos messiânicos formados no Brasil nos finais do século XIX, início do século XX.

Palavras-chave: Trajetória. Rabelados. Catolicismo popular. Messianismo.

ABSTRACT

The study deals with the formation and trajectory of a specific religious group of religious of Cape Verde. These are the Rabelados, born in the interior of the island of Santiago, being part of a community with affirmation of a traditionalist religious identity, which was formed from Catholic religious reforms made in Cape Verde in the 1940s. Through an ethnographic approach , it is intended to demonstrate the autonomous form of life that this community adopted, analyzing the practices and the collective trajectory, emphasizing the "transition process" that the group was subjected from the contact with the plastic artist, poet and activist Cape Verdean cultural heritage, Maria Isabel Alves (Misá). Finally, a comparative analysis will be made between the Rabelados and some movements that have arisen in the region of Central Africa and also some messianic movements formed in Brazil in the late nineteenth century, beginning of the twentieth century.

Keywords: Trajectory. Rabelados. Popular Catholicism. Messianism.

RIZUMU

Es trabadju ta papia di formason y kaminhada di um grupu sociu-religiozu di Kabu Verdi. Nu sta papia de rabelados que parci dentu d ilha d Santiagu. Rabelados ta fazi parti d um kuminidadi ku forte prizença de identidadi tradicional, ki surgi ku raformas religiosu katólico fetu na kabu Verdi na dekada di korenta. Ku um abordagem etnógrafiku nu kre mostra kal ke forma indipendenti di vida ki es kumunidadi usa, analiza prátikas e caminhada koletivu des populason enfoka principalmenti na “prucessu di tranzison” que grupu passa, dispôs de kontaktu ku artista plástika, poétiza, e ativista kultural kabu-verdiana rekonhecidu pa mundu interu, Maria Isabel Alves, mas konxedu pa Misá. Pa finda, ta fazedu um análiz ta kompara rabelados ku dós movimentu similianti a es, k parci na centru d’Áfrika, i també ku alguns movimentus missianikus ki surgi na kontinenti amerikanu na fim di séculu XIX e komeço di sekulu XX.

Palavras txabis: Trajetória; Rabelados; katolicismo popular; Messianismo.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Mapa geográfico do arquipélago de Cabo Verde	20
Figura 2	Mapa da representação geográfica da Ilha de Santiago	28
Figura 1	Senhor Felix, um dos anciões da comunidade.	31
Figura 2	Pintura do artista rabelado Estevão, representando a campanha de fumigação nas moradias.	34
Figura 3	Pintura do artista Estevão representando as repressões sofridas em detrimento da PIDE.	35
Figura 6	Construções habitacionais tradicionais dos rabelados.	38
Figura 7	Atual líder da comunidade dos rabelados, exibindo bem atrás dele um antigo pôster com o retrato de Amílcar Cabral.	45
Figura 8	Quadro do artista Tchetcho representando a rezas feitas pelos Rabelados	45
Figura 9	Fotografia da artista e ativista sócio cultural Misá, à direita, um gesto de gratidão da comunidade para com a artista.	50
Figura 10	Marcas da modernidade.	53
Figura 11	CD-ROM dos Canticos sagrados “litanias dos Rabelados”.	54
Figura 12	Nomes dos pintores rabelados	57
Figura 13	Variedade de pinturas dos rabelados.	58
Figura 14:	Espaço RABEL’ART, vista frontal.	59

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BCG	BCG - Bacillus Calmette-Guérin, (vacina contra a tuberculose)
CEI	Centro de Estudos Africanos
CPLP	Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
DDT	Dicloro-difenil-tricloroetano
INE	Instituto Nacional de Estatística
MPLA	O Movimento Popular de Libertação de Angola
PAICV	Partido Africano da Independência de Cabo Verde
PAIGC	Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde
PALOPs	Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
PIDE	Polícia Internacional e de Defesa do Estado
UNILAB	Universidade da Integração da Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	CAPÍTULO I - ABORDAGENS GERAIS	20
2.1	UMA ABORDAGEM GEOGRÁFICA E HISTÓRICA SISTEMATIZADA SOBRE CABO VERDE	20
2.2	TEMPOS DE SECAS E FOMES NO ARQUIPÉLAGO	22
2.3	CONQUISTA DA INDEPENDÊNCIA SOB O LEMA “UNIDADE E LUTA”	23
2.4	IMPLEMENTAÇÃO DE UMA IDEOLOGIA POLÍTICA SOCIALISTA A PARTIR DA GOVERNAÇÃO DO PARTIDO ÚNICO.	25
2.5	COBERTURA RELIGIOSA NO ARQUIPÉLAGO DE CABO VERDE	26
3	CAPÍTULO II - ABORDAGENS GERAIS SOBRE O SURGIMENTO E A TRAJETÓRIA DOS RABELADOS	28
3.1	ORIGEM DA FORMAÇÃO DOS GRUPOS	28
3.2	ASPECTOS FUNDAMENTAIS NA FORMAÇÃO DO MOVIMENTO DOS RABELADOS	29
3.3	TEMPOS DE REVELAÇÃO E O APARECIMENTO DA REDE DE GRUPOS	33
3.4	RABELADOS DE “REVOLTOSOS” PARA UNS, E RABELADOS DE “REVELADOS” POR DEUS PARA OUTROS	37
3.5	TRAJETÓRIA E O MODO SIMPLES DE VIVER DOS RABELADOS DURANTE AS DÉCADAS	37
3.6	ASPECTOS E VALORES FUNDAMENTAIS DO GRUPO	39
3.7	A FIGURA CENTRAL DOS LÍDERES NO SEIO DA COMUNIDADE	41
3.8	IMPACTO DA INDEPENDÊNCIA POLITICA NACIONAL NOS SEIOS DOS RABELADOS: AFINIDADE COM O PARTIDO PAIGC	43
4	CAPÍTULO III- RECONFIGURAÇÃO DOS RABELADOS DA COMUNIDADE DE ESPINHO BRANCO.	47
4.1	UMA NOVA ERA DOS RABELADOS	47

4.2	CHEGADA DA MISÁ NA COMUNIDADE DOS RABELADO DE ESPINHO BRANCO, DANDO INÍCIO AO <i>PROCESSO DE TRANSIÇÃO</i> E O DESENVOLVIMENTO ARTE.	48
4.2.1.	Acerca de memórias	51
4.3	A ATUAL ESTRUTURAÇÃO SOCIAL E HABITACIONAL DOS RABELADOS	51
4.4	A EXPRESSÃO ARTÍSTICA DOS (EX) MARGINALIZADOS	55
5	CAPITULO IV-UMA COMPARAÇÃO DOS RABELADOS COM ALGUNS GRUPOS MESSIANICOS NO MUNDO.	60
5.1	RABELADOS DE ORIGEM CABO-VERDIANA VS TOCOISTA E KISBANGUISTA DE ORIGEM BAKONGO	61
5.2	TRADICIONALISMO E CONSERVADORISMO NOS RABELADOS E NOS AMISH	64
5.3	FILOSOFIA MESSIÂNICA E MILENARISTA NA TRAJETÓRIA DOS RABELADOS, E A SUA EQUIVALÊNCIA COM ALGUNS GRUPOS SURGIDOS NO BRASIL	65
5.3.1	Perfil e os exercícios da liderança dos primeiros profetas nos Rabelados e no Contestado: semelhanças e distanciamentos	67
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
	REFERÊNCIAS	76
	ANEXO - Livrete anexado junto ao CD-ROM sobre litânias dos rabelados, trazendo as explicações das ladainhas e dos valores de conduta de vida dos rabelados produzida em 2003 pela Misá	79

1 INTRODUÇÃO

Os grupos sócios religiosos estão presentes na história e na atualidade de toda e qualquer nação de um modo bastante intenso. Apesar de que hoje se faz referências positivas em relação a esses movimentos, nos primeiros estudos sobre esses fenômenos religiosos receberam numerosas designações pejorativas: movimentos dos revoltosos, fanáticos, ignorantes, antiprogressistas, jagunços, foragidos da lei, entre outras negativas designações.¹

É indiscutível a importância da vivência, das crenças e da religião durante a trajetória da vida humana. Através de atividades religiosas populares enraizadas na cultura local, muitas comunidades religiosas trilharam os seus caminhos no intuito de alcançarem “o ser divino”, e sonhando com uma humanidade igualitária e digna. Geralmente essa prática religiosa tradicional era contestada pela religião oficial e pela sociedade majoritária, opressora e hegemônica.

Mais do que isso, Cristina Pompa (1998) nos mostra que esses movimentos receberam muitas outras designações que aparentam ter uma menor carga ofensiva como: “movimentos nativistas, revivalistas, messiânicos, quiliásticos, milenaristas, revolucionários (reformistas), proféticos, sincréticos, “deprivation cults”, “cultos de crise”, podendo-se ampliar ainda mais esta listagem”. Cada uma das fórmulas revela-se inadequada para definir a realidade complexa e dinâmica dos movimentos históricos, pois destaca apenas uma, ou algumas, de seus componentes: o social, a psicológica, a religiosa, ou a sincrética.

Como o próprio tema refere, o trabalho em questão aborda sobre um grupo sócio religioso específico: rabelados de Cabo Verde. Essa comunidade apresenta a afirmação de uma identidade religiosa tradicionalista própria. Formada por fiéis católicos que pelo poder local foram caracterizados como revoltosos, por não aceitarem as reformas religiosas impostas pela Igreja Católica, em Cabo Verde, na década de 1940. Mais tarde, vários episódios de acontecimentos no seio do grupo fizeram com que o movimento se tornasse também um movimento de cariz político e social, cortando os laços de ligações com a sociedade cabo-verdiana.

Na atual conjuntura social cabo-verdiana, está sendo feita uma leitura dos rabelados como um movimento cuja existência se encontra ameaçada devido à dinâmica social e estrutural que o grupo sofreu reconfigurando o modo de vida dessas populações. Ciente que nos últimos

¹ SOUZA (2008, p. 5)

anos essa comunidade experienciou os impactos da modernidade, trazendo com ele a inovação e as novas tecnologias para dentro da mesma. Com isso, esse trabalho tem o propósito de travar uma discussão partindo da questão até que ponto pode-se fazer um diagnóstico desse movimento como algo que se encontra em vias de extinção? Será que tal análise feita levou em consideração a essência da formação desse movimento e os valores imateriais cultivados no seio da comunidade ao longo das décadas?

Para responder a essas questões, será feita uma abordagem sobre a formação e a trajetória dos rabelados de Espinho Branco da ilha de Santiago, em Cabo Verde (a maior comunidade atualmente existente em relação ao número populacional), e fazer uma análise do grupo, comparando-o com alguns movimentos messiânicos semelhantes na África e nas Américas.

Com este trabalho pretende-se demonstrar, qual foi à forma autônoma de vida que essa comunidade adotou, descrevendo o cotidiano dos rabelados, dando ênfase a nova dinâmica do grupo que se deu a partir do recente contato com a artista cabo-verdiana Maria Isabel Alves, mais conhecida por Misá Kouassi. Mais do que isso, pretende-se valorizar o papel dos rabelados na preservação das manifestações culturais de matriz africana em Cabo Verde, fazendo com que hoje podemos considera-la como um patrimônio imaterial do país.

O meu interesse pelo tema surgiu desde o primeiro contato na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), uma universidade internacional, tendo como uma das suas propostas de promover o intercâmbio e valorizar a diversidade étnico cultural, reunindo estudantes do Brasil, dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP's) e de Timor-Leste. No entanto, a definitiva decisão de apropriar-se do tema, foi no decorrer das leituras e a discussão sobre as comunidades tradicionais, importância da tradição oral e narrativa coletiva, durante as aulas da disciplina “Estrutura e dinâmica das sociedades escravistas I e II”, ambas lesionadas pela professora Doutora Cristiane Santos Souza. A proposta de estudo da disciplina acima citada, fez refletir o quão à carência de conhecimento fez com que a sociedade cabo-verdiana colocasse os rabelados à margem da sociedade, diagnosticando-os de uma forma distorcida e estereotipada.

Recentemente com alguns estudos feitos sobre o movimento e com algumas ações desenvolvidas no seio do grupo, os olhares negativos que visavam à desvalorização do movimento foram aos poucos desfigurados. Com isso sinto-me responsável de “segurar o bastão nessa corrida de revezamento” visando à divulgação e valorização da cultura e os valores cultivados pelos rabelados.

No âmbito desta pesquisa, por se tratar de um estudo etnográfico, foi feita num primeiro momento uma leitura sistematizada das obras já existentes sobre o tema. Num segundo momento, foram realizadas, algumas visitas ao campo, em janeiro e fevereiro de 2016 no intuito de coletar informações primárias junto aos moradores da comunidade de Espinho Branco, homens e mulheres de diferentes gerações e com algumas pessoas bem influentes no seio deste grupo.

Essa ida ao campo teve como objetivo facilitar o cruzamento das contribuições primárias dadas pelos entrevistados com as informações secundárias sistematizadas nos livros, artigos, dissertações, e materiais áudio visuais e documentais até então produzidos sobre o caso em estudo.

Durante o trabalho de campo, tive a oportunidade de fazer observação participante na comunidade dos rabelados de Espinho Branco, realizando entrevistas semiabertas e por vezes abertas no sentido de conceder certa liberdade aos entrevistados ao expor as suas ideias. Dessa forma, como entrevistador podia captar pormenores importantes que serviam como fio condutor da entrevista em forma de diálogo.

Um dos questionamentos levado a campo como alicerce na pesquisa foi: Qual interpretação os rabelados fazem em relação ao processo de modernização que o grupo está sofrendo e a reconfiguração que o grupo tomou? Através de inquietações como essa foi possível analisar as falas dos entrevistados, cruzando-as com as abordagens feitas nos estudos já existentes sobre o tema.

Para conhecer melhor o movimento dos rabelados utilizei como bibliografias principais as seguintes obras: A obra do pesquisador cabo-verdiano Júlio M. Monteiro Jr (19??-1979), sendo ele o pioneiro nos estudos sobre o fenômeno sócio religioso em Cabo Verde, através da sua obra intitulada “Os Rabelados da ilha de Santiago de Cabo Verde”, A obra foi resultado de uma pesquisa feita entre 1962/64, publicada pelo Centro de Estudos Cabo-verdianos em 1974. Hoje constitui uma fonte histórica para conhecer o passado da germinação dos Rabelados da ilha de Santiago.

A outra principal obra consultada é a mais recente e intitulada “Os Rabelados de Cabo Verde”, de autoria da socióloga e jornalista francesa, Françoise Ascher, publicada pela editora L’Harmattan, em 2011. Esse estudo é muito relevante, pois traz uma abordagem jornalística e sociológica sobre a formação e a trajetória dos rabelados, confrontando os pontos de vista dos vários autores e ainda os cruzando com os testemunhos de muitas personalidades cabo-verdianas e não só.

A terceira obra consultada é também um livro recente escrito por Edith Laseirra Muniz e Alberto López Bargados, uma edição bilíngue (português e castelhano) intitulada “Fidjus de rabelado, arte lógica de contestação na ilha de Santiago de Cabo Verde”, publicada pela editora Bellaterra, de Barcelona, em 2012. Essa obra tem como foco a abordagem da recente produção artística na comunidade dos rabelados de Espinho Branco.

Além do mais, utilizei outras publicações, como livros, artigos, revistas periódicas, entre outras fontes escritas que abordam os movimentos sócio religiosos denominados messiânicos e milenaristas no Brasil e no mundo, priorizando alguns estudos, a exemplo de Perreira de Queiroz (1965), Vinhas de Queiroz (1977); Machado (2002), e Blanes (2009).

O trabalho que ora apresentamos se encontra dividida em quatro capítulos: O primeiro capítulo faz uma breve contextualização geográfica e histórica do arquipélago de Cabo Verde, abordando o processo de cristianização/catolicismo no país, incluindo as práticas do cristianismo feitas pelos missionários católicos antes e durante a formação dos rabelados, esse capítulo também aborda algumas especificidades políticas e sociais do país.

No segundo capítulo é feita uma descrição e análise explicativa sobre a origem e as dinâmicas de vida na trajetória dos rabelados. Portanto, o capítulo examina o contexto político, social e religioso que ocorreu em Cabo Verde nas décadas de 1940, quando ocorreu a formação dos rabelados, priorizando a análise dos acontecimentos determinantes na emergência desse movimento.

No terceiro capítulo será feita a análise de uma rabelados de Espinho Branco na atualidade, descrevendo a nova configuração e a dinâmica de vida da comunidade onde eles vivem, dando ênfase no “processo de transição” que se deu a partir do contato da Misá², que a partir dali ela já tem cerca de 20 anos dedicando a melhorar as condições de vida na comunidade, através do desenvolvimento de projetos artísticos, sociais e comunitários.

O quarto e último capítulo faz uma breve abordagem comparativa do fenômeno religioso em Cabo Verde com alguns grupos sócios religiosos semelhantes na África e nas Américas, analisando aspectos que os aproximam e os que se distanciam do movimento cabo-verdiano. Além dos rabelados é tomado como campo de análise dois movimentos sócios religiosos africanos (tocoísta e kisbanguista) e o movimento do Contestado, sendo um dos movimentos messiânicos surgido no Brasil nas fronteiras entre o estado do Paraná e de Santa Catarina, nos finais do século XIX e o início do século XX.

² Maria Isabel Alves artista plástica, poetisa e ativista cultural cabo-verdiana reconhecida internacionalmente, uma pessoa bem influente no seio dos rabelados

É importante ressaltar que a abordagem é feita apropriando-se dos conhecimentos e das experiências de aplicação teórica e metodológica das Ciências Sociais adquiridas no decorrer do curso de Bacharelado em Humanidades, principalmente nos estudos/discussões feitas no seio dos grupos de pesquisas (extensão e de iniciação científica) no qual eu compunha.³

O presente trabalho teve inúmeras limitações no decorrer da sua realização. Primeiramente a dificuldade de acesso das produções sobre o fenômeno em questão; A perspectiva era de realizar um trabalho baseado essencialmente no estudo empírico no campo de pesquisa, mas, devido às limitações de tempo e de meios, não foi possível custear a passagem para Cabo Verde e realizar visitas de longo período na comunidade dos rabelados. O curto período de tempo quando foi feita a visita ao campo, carência de materiais de apoio para realização das entrevistas como câmera fotográfica, um gravador de áudios etc; durante o trabalho de campo a língua apropriada para comunicar foi o crioulo kabuverdiano, língua materna não só dos entrevistados, mas também do entrevistador, a fim de fazer fluir a comunicação. Contudo analisar essas entrevistas feitas no crioulo kabuverdiano foi bastante trabalhoso e remete bastante tempo para a sua transcrição e depois traduzi-las para língua portuguesa; O trabalho foi desenvolvido em um período limitado de tempo dessa forma alguns pontos o trabalho pode apresentar limitações em relação ao aprofundamento.

³ Grupo de Estudo e Pesquisa “Nyemba - Processos Sociais, memórias e narrativas entre Brasil e África”; Grupo de pesquisa de iniciação científica do projeto: “*Volta no mundo em imagens: Bimbau e Pierre Verger, trajetórias que se cruzam, identidades que se forjam?*”, ambos coordenados pela professora Dra. Cristiane Santos Souza.

2 CAPÍTULO I - ABORDAGENS GERAIS

Ciente que é de extrema importância fazer uma abordagem geral sobre os processos históricos do arquipélago, tendo como início o seu descobrimento no século XV, até os dias atuais, mas, esse trabalho, pelo seu caráter será impossível abarcar as particularidades de Cabo Verde, tanto no seu passado colonial, como a sua complexidade nos aspectos culturais e identitário. Nesse sentido, o propósito deste trabalho é de fazer uma breve síntese dos processos históricos, sociais e políticos, dando mais ênfase ao processo da cristianização do arquipélago.

2.1 UMA ABORDAGEM GEOGRÁFICA E HISTÓRICA SISTEMATIZADA SOBRE CABO VERDE

O arquipélago de Cabo Verde situa na costa ocidental africana, a quinhentas milhas do Senegal, constituído por dez ilhas e cinco ilhéus numa área emersa de 4.033km², e com uma estimativa populacional de 491.875 pessoas, segundo os dados da INE (Instituto Nacional de Estatística) do Censo 2010. Ao norte, as ilhas de Barlavento, relacionando de oeste para leste: Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia (desabitada), São Nicolau, Sal e Boa Vista. Pertencem ainda ao grupo de Barlavento os ilhéus desabitados de Branco e Raso, situados entre Santa Luzia e São Nicolau, o ilhéu dos Pássaros, em frente à cidade de Mindelo, na ilha de São Vicente e os ilhéus Rabo de Junco, na costa da ilha do Sal e os ilhéus de Sal Rei e do Baluarte, na costa da ilha de Boa Vista; Ao sul, as ilhas de Sotavento enumerando de leste para oeste: Maio, Santiago, Fogo e Brava. O ilhéu de Santa Maria, em frente à cidade de Praia, na Ilha de Santiago; os ilhéus Grande, Rombo, Baixo de Cima, Rei, Luís Carneiro e o ilhéu Sapado, situados a cerca de 8 km da ilha Brava e o ilhéu da Areia, junto à costa dessa mesma ilha.

Figura 4 - Mapa geográfico do arquipélago de Cabo Verde.



Fonte: Blogue Cabo Verde

http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais4/CaboVerde/006_CVerde.jpg

A história refere que a descoberta de Cabo Verde se deu no século XV, mais precisamente em 1460 pelos portugueses durante a expansão marítima. No entanto, existe outra versão sobre o descobrimento das ilhas defendidas por alguns estudiosos, como Senna Barcelos (1854-1915), Jaime Cortesão (1884 –1960), e entre outras entidades de referência nos estudos da área em questão, alegando a presença dos primeiros grupos humanos no território cabo-verdiano antes da chegada dos portugueses. No caso, se referiu à alguns viajantes gregos, cartógrafos, geógrafos árabes.

[...] encontram-se referências à presença de grupos humanos em Cabo Verde antes da chegada dos portugueses, nos principais escritos dos finais do século XVIII. Em 1784, um anônimo escrevia que esta ilha (Santiago) foi encontrada habitada por muitos homens negros. Segundo a tradição, foi o rei Jalofo que devido a um levantamento, teve de fugir do seu país com toda a família para se refugiar em Cabo verde, na costa continental (península do Senegal) [...] (ANDRADE, 1996, p. 34).

Do outro lado existem estudiosos que contrapõem essas ideias, alegando que não passam de “lendas” contadas por várias gerações, pois se tem um défice de provas da presença desses sujeitos, argumentando também a falta de condições da flora e fauna que preconizava a sobrevivência deles no arquipélago durante o período.

Por não existir um consenso de ideias em relação a essa problemática, o propósito desse trabalho não é mostrar o posicionamento em relação a isso, mas sim apresentar as variadas versões sobre o tal. Considerando a história mais divulgada, o mérito do descobridor foi dos portugueses que logo em seguida começou o povoamento e a colonização das ilhas, sendo as primeiras nesse processo, a ilha de Santiago e a do Fogo. De acordo com a historiadora Andrade:

No povoamento das ilhas não houve apenas escravos; também existiam negros livres como os banhuns, cassangas e brames, que acompanhavam espontaneamente os comerciantes, os mercenários e os capitães de navios; muitos deles falavam a língua portuguesa e alguns iam a Santiago para serem cristianizados. (ANDRADE, 1996, p. 42).

Em 1453 foi fundada na Ribeira Grande, ilha de Santiago, a primeira cidade construída por europeus nos trópicos. Nos primeiros momentos do povoamento, tiveram que enfrentar muitas dificuldades devido ao distanciamento entre as o arquipélago e metrópole, pouca fertilidade dos solos para o cultivo de cereais, insalubridades do meio, a aridez do clima e a escassez de metais preciosos e especiarias.

Frente a essas difíceis condições para o povoamento, o rei de Portugal D. Afonso V em 1466, publicou através de uma carta regia, series de privilégios aos moradores de Santiago como incentivo ao povoamento. Como nos mostra Carreira, (1983, p. 29), através de uma carta enviada por D Fernando:

O infante D. Fernando meu mui prezado e amado irmão nos enviou dizer como haverá quatro anos que ele começara a povoar a sua ilha de Santiago que é através de Cabo Verde e que por ser tão alongada de nossos reinos a gente não quer a ela ir viver senão com mui grandes liberdades e franquezas.

Relativamente à construção da identidade no arquipélago, se consagrou nas bases multiculturais: as africanas e a cultura do colonizador, no caso os portugueses através do processo de miscigenação. Segundo Semedo e Turano (1997, p. 38-40) “a miscigenação em Cabo Verde ocorreu principalmente nos elementos culturais, do que resultou a cultura crioula, além de se manifestar na vertente raça, dando origem ao mestiço nato cabo-verdiano”.

A identidade cabo-verdiana funde-se no encontro de duas civilizações distintas, por um lado a civilização europeia com uma pouca porcentagem de portugueses, por outro a africana através dos escravizados, emergindo a mestiçagem genética e cultural no arquipélago. Com isso Cabo Verde usufrui de uma peculiaridade cultural no seu território, manifestando através da língua, da musicalidade, da culinária, das religiosidades, das festividades, entre outras manifestações. Portanto será difícil entender a existência da identidade cabo-verdiana sem analisar esses elementos indispensáveis na cultura de um povo.

2.2 TEMPOS DE SECAS E FOMES NO ARQUIPÉLAGO

Na história de Cabo Verde desde sua descoberta em 1460 e subsequente colonização está marcada de episódios dramáticos de secas e fomes. Por conta da sua localização na zona do Sahel, a insularidade demarca um quadro climático marcado por temperaturas quentes e pela alternância entre um período de chuva (*azáguas* em crioulo) muito curto e instável.

Com o declínio do tráfico de escravos nos finais do séc. XVI, o arquipélago enfrentou profundas crises, por conta de uma drástica diminuição de interesse comercial, fazendo com que a base de vida local a baseasse numa economia de subsistência.

Em Cabo Verde, foi a perda gradual do monopólio do tráfico de escravos com rios da Guiné, a partir dos fins do século XVI, que resultou no declínio económico e na degradação da Ribeira Grande. O decreto de 1647 legalizou definitivamente o comércio direto entre os traficantes estabelecidos na costa da Guiné e os mercados de

escravos das Américas, medidas que resultou também na perda das receitas fiscais, pois os impostos já não eram pagos em Santiago, mas sim em Cacheu. (SEIBERT, 2014, p. 10)

Da mesma forma Carreira (1977) afirma que do século XVI ao século XIX, se tem através de registos administrativos das ilhas, pelo menos 27 fomes e epidemias. Durante esse período, a situação mais alarmante foi em particular na primeira metade do século XX, registrando em média seis fomes num período de cinco décadas. Contudo na década de 1940, somente as fomes foram responsáveis pela diminuição de uma grande massa populacional de Cabo Verde. As secas eram geralmente acompanhadas por epidemias mortais, resultando no aumento do índice de mortalidade infantil, o êxodo e a emigração que é também uma das marcas peculiar das populações do arquipélago.

É de fácil percepção, que nos escritos dos intelectuais do movimento literário cabo-verdiano Claridade aparecido nas décadas de 1930 se tem como principal característica o evasãoismo. O principal objetivo dos escritos era de evidenciar através do conto, poesia, e crônicas, as desagradáveis situações do cotidiano cabo-verdiano, o ambiente socioeconômico e as suas relações com o elemento mar, que representava a emigração sendo a última alternativa quando se esgotava “as esperanças no dia de amanhã”.

Foi então desencadeada uma emigração maciça de Cabo-verdianos, sobretudo para os EUA, Senegal, Holanda, e Finalmente para Portugal. As remessas de dinheiro dos emigrantes passaram a ter um papel vital para a manutenção das famílias e para uma modesta acumulação - casas e terras-, tornando-se uma fonte de relativa importância para manutenção do país. (MONIZ, 2009, p. 222)

Os últimos períodos citados culminaram com o surgimento do movimento no interior da ilha de Santiago. Mais do que isso, esses fatos tiveram uma influência significativa na formação dos rabelados. Por isso, nos próximos capítulos serão discutidos esses aspetos de uma forma pormenorizada.

2.3 CONQUISTA DA INDEPENDÊNCIA SOB O LEMA “UNIDADE E LUTA”

Na década de 1940 e meados da década de 1950, numa época em que os maiores impérios europeus adotaram políticas de descolonização, Portugal declara em 1951 as suas colónias como províncias “nação multirracial e pluricontinental” incentivando à emigração portuguesa para Angola e Moçambique, com o propósito de não abrir mão dos territórios por eles ocupados. Nesta altura, vários territórios Africanos e não só tornaram ou estavam no

processo de luta para independência. Como exemplo, Índia, Paquistão (1947), Líbia (1951), Sudão, Marrocos, Tunísia (1956), Gana (1957), Guiné-Conacri (1958) e tantos outros.

Os ventos da independência sopraram em direção a Lisboa onde se encontravam na Casa dos Estudantes do Império (CEI, 1944-1965), estudantes oriundos das colônias realizando formações superiores. Começou a se politizar através da leitura dos textos socialistas de Karl Marx, certa atração pelas ideias do pan-africanismo da *África Unite* com os protagonistas William Du Bois (1868-1963) e de Marcus Garvey (1887-1940). Mais do que isso, encantaram com a ideologia do Leopold Sedar Sengor (1906-2001) pelos escritos da negritude, e acompanhando os processos de independências dos territórios anteriormente citados, passaram a ter uma visão crítica sobre a situação que se encontrava os seus países de origem.

Mais tarde, alguns dos estudantes da CEI nomeadamente os estudantes Francisco José Tenreiro, Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Mário de Andrade e Alda Espírito Santo. Fundou em 1951 o Centro de Estudos Africanos, cujo objetivo era pesquisar sobre a identidade africana, visando a redescoberta do continente, mais do que isso, mesmo que de uma forma discreta foi a oportunidade de idealizar o projeto da união e da luta pela independência dos seus países.

Os carismas de Amílcar Cabral contando com o apoio de mais cinco companheiros dos dois países, Guiné Bissau e Cabo Verde, formaram em 19 de setembro de 1956 em Bissau, o Partido Africano para Independência de Guiné Bissau e Cabo Verde (PAIGC).

Em 23 de janeiro de 1963 o PAIGC deu início a luta de libertação contando com a participação de alguns cabo-verdianos. Em 24 de setembro de 1973 foi declarada unilateralmente a independência de Guiné Bissau.

A revolução dos cravos em 25 de abril de 1974, em Portugal, foi um evento determinante no processo da descolonização, intensificando no território guineense as lutas iniciadas desde janeiro de 1963, fazendo com que em 10 de setembro de 1974, a independência de Guiné Bissau seja reconhecida internacionalmente por mais de 80 países.

Depois de muitos anos de mobilizações e alguns anos de luta armada, mesmo considerando como tardia, foi consumado o projeto da independência dos países, pondo fim aos cinco séculos do domínio colonial. Em dezembro de 1974 foi assinado o acordo entre Portugal e partido PAIGC, instaurando-se um governo de transição em Cabo Verde, governo esse que preparou as eleições para uma Assembleia Nacional Popular de 5 de julho de 1975, saindo Aristides Pereira, como vencedor e primeiro presidente de Cabo Verde independente.

Portanto, história de Cabo Verde e Guiné Bissau não podem ser contadas sem citar os protagonistas da Independência, que além de permitir que os dois povos forjassem a sua liberdade e dignidade, possibilitou a afirmação desses países no plano internacional.

Contudo, Amílcar Cabral, líder do movimento infelizmente não teve o privilégio de colher os frutos das lutas desencadeadas por ele e a sua equipe, devido ao seu assassinato em 20 de janeiro de 1973, incriminando e fuzilando o autor material junto a tantos outros acusados do envolvimento no crime. Porém até os dias de hoje não há certeza quem foi o autor intelectual do assassinato, lembrando que ele mesmo dizia “ninguém pode estragar a coisa linda que temos se existe alguém que o pode fazer, esse alguém nos é mesmos”.

2.4 IMPLEMENTAÇÃO DE UMA IDEOLOGIA POLÍTICA SOCIALISTA A PARTIR DA GOVERNAÇÃO DO PARTIDO ÚNICO.

Após uma descolonização tardia de Cabo Verde, a semelhança dos outros PALOPs recém-independentes, estabeleceu-se um estado de partido único instituindo o PAIGC como o único partido legal tanto em Cabo Verde como em Guiné Bissau. Programou durante muito tempo uma política socialista por vezes marxista, priorizando as relações com os países comunistas a exemplo de Cuba, União Soviética, tendo em tese a transformação em estado de nação moderno e secular, ou seja, pondo em prática a ideia *criação do homem Novo*⁴.

Segundo Pinto (2005), “essa política apresentava características do Estado colonizador, porque foi o papel monopolístico do Estado colonial que permitiu a formação da classe política que o substituiu após a independência”.

Na mesma senda, se deu a nacionalização da economia e criações de “organizações de massa” para trabalhadores, mulheres, jovens e crianças que serviam para sensibilizar e mobilizar mais pessoas para a máquina do partido.

Mesmo com as divergências ideológicas entre os dirigentes do partido, o PAIGC conseguiu governar sob a política do projeto de unidade dos dois países até o golpe de estado contra a liderança de Luís Cabral em 14 de novembro de 1980 na Guiné-Bissau orquestrada por João Bernardo Vieira, pondo fim ao projeto elaborado por Cabral de união entre os dois povos.

Com isso, em Cabo Verde o partido que antes era Partido Africano para Independência de Guiné Bissau e Cabo Verde (PAIGC), passou a denominar de Partido Africano para

⁴ Conceito criado pelo psiquiatra e filósofo Frantz Fanon (1925-1961).

Independência de Cabo Verde (PAICV). Em seguida este último em Cabo Verde submeteu-se a eleições legislativas, mantendo-se o mesmo regime monopartidário e autoritário. No início das décadas de 90 se deu a abertura política com as eleições multipartidárias, tanto para as legislativas, como para as presidenciais e autárquicas.

Um conjunto de acontecimentos, tanto a nível internacional, com várias alterações políticas, como a nível nacional, com o reconhecimento do colapso económico e político do regime, fez o partido do governo ceder e negociar a abertura política com aquele que viria a ser o único partido que reunia os requisitos essenciais para disputar as eleições, sendo as eleições de 1991 as primeiras pluripartidárias ou pluralistas. (PEREIRA, 2013, p. 64).

A abertura política no país almejava uma representação democracia, e fazer valer a existência do pluripartidários e prevendo obviamente a alternância no poder e mudanças ideológicas de acordo com as demandas da sociedade civil.

A partir dessa época as sólidas instituições de Cabo Verde têm conseguido gerir de forma exemplar, aumentando consideráveis os indicadores de desenvolvimento, fazendo com que hoje o país seja considerado como um “exemplo” em África no que tange a governação e democracia.

2.5 COBERTURA RELIGIOSA NO ARQUIPÉLAGO DE CABO VERDE

A proposta desse trabalho é de fazer um breve enquadramento no tempo e no espaço do assunto que propusemos estudar, mesmo levando em consideração a importância da análise minuciosa sobre a cobertura eclesiástica no solo cabo-verdiano, mas, não é a intenção e nem constitui objeto do estudo.

Segundo Fernandes (2012, p. 27), a evangelização teve seu início logo na primeira fase do povoamento. De acordo com a ideia dele: “em 1462, cria-se já a paróquia de Nossa Senhora da Conceição na Ribeira Grande, ilha de Santiago, e, em 1480, a paróquia de São Filipe na ilha de Fogo”.

Desde seu início e no decorrer do processo a missão evangelizadora enfrentou diversas dificuldades a nível profissional, ética, e financeira que afetaram de forma considerável as missões da igreja católica nas ilhas. Durante o processo se fez presentes missionários como: os Franciscanos, que podemos dizer que chegaram acompanhando os descobridores, e se instalaram em 1466 no arquipélago, os Jesuítas, que estiveram em Cabo Verde de 1604 a 1642, os nativos do arquipélago a partir de 1866 com a construção do seminário em São Nicolau, os Salesianos e Capuchinhos 1943-1947, entre outras missões religiosas. Frente a inúmeras

dificuldades a função desempenhada pelos padres nativos formados no liceu Seminário de São Nicolau fundado em 1866 teve um marco importante nesse processo, mais do que isso, tendo uma forte influência no surgimento do fenômeno rabelados nos anos 1940.

Em tese podemos dizer que o processo de evangelização em Cabo Verde teve um impacto significativo na construção da identidade que hoje se tem no arquipélago, levando em consideração as dificuldades enfrentadas desde a criação da primeira paróquia. Contudo, Santos e Soares, (1995, p.371) afirmam que “a presença da igreja católica é tão pertinaz em todo o arquipélago e a sua manifestação social tão solida que parece ser esta a única religião que prevaleceu desde os primórdios da presença da ordem de Cristo até à atualidade. Sabemos que não é assim”.

Levando em consideração as outras religiões consideradas protestantes que também se fez presente no arquipélago a exemplo de espiritismo ou racionalismo cristão que chegou a Cabo Verde em 1911, nazarenos em 1932, adventistas em 1933/36 entre outras recentes religiões protestantes que cada vez mais estão ganhando adeptos no território nacional, como o caso da igreja universal reino de Deus. Contudo o catolicismo ainda tem uma repercussão muito grande no arquipélago, tendo 77,7% da população que dizem ser católicos, segundo o censo da INE 2010.

3 CAPÍTULO II- ABORDAGENS GERAIS SOBRE O SURGIMENTO E A TRAJETÓRIA DOS RABELADOS

3.1 ORIGEM DA FORMAÇÃO DOS GRUPOS

Pertencente ao grupo de “*sotavento*” (sul), a ilha de Santiago é a maior do arquipélago de Cabo Verde tendo segundo o censo da INE 2010 um número de 273.919 habitantes numa área total de 991 km². Administrativamente a ilha de Santiago é dividida em dez municípios tendo Praia como maior e capital do país.

Figura 5 - Mapa da representação geográfica da Ilha de Santiago.



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/>

Em relação à língua falada na ilha, trata-se do crioulo cabo-verdiano com uma variação que, de uma forma popular, denomina-se de *Krioulo Badiu*⁵. Esse termo além de ser usado para evidenciar a variação linguística do território, é também apropriado para classificar as

⁵ Literalmente “vadio” ou “evadido”, refere-se ao escravo fugido das cidades costeiras ou das plantações, e figurativamente o habitante das ilhas de sotavento, principalmente de Santiago e Fogo. (MUNIZ e BARGADOS, 2012, p. 22)

populações das ilhas pertencentes ao grupo do sotavento no arquipélago. No caso da ilha de Santiago por concentrar a maioria das iniciativas comerciais e de constituir um impulso ao povoamento de outras ilhas, concentrou uma elevada percentagem dos habitantes em relação as restantes ilhas, tanto escravos e libertos provenientes da costa africana, como uma pequena percentagem dos colonos portugueses.

Dentro da grande massa populacional, encontravam os agricultores que trabalhavam arduamente as terras de sequeiro nas achadas e nas zonas de regadios no fundo dos vales, camponeses incultos, herdeiros direto dos escravos ligados ao sistema de morgadio⁶, eram por definição preta, independentemente da cor da sua pele. Mais do que isso pode se verificar que esses camponeses além de um baixo nível de escolaridade e um grande número de agregados familiares monoparentais, detêm uma forte preservação das práticas culturais africanas.

3.2 ASPESTOS FUNDAMENTAIS NA FORMAÇÃO DO MOVIMENTO DOS RABELADOS

Rabelados é um movimento de afirmação de uma identidade religiosa tradicionalista própria, que surgiu inicialmente como protesto religioso espontâneo e mais tarde vai adquirir uma dimensão política acompanhada de uma série de conflitos.

Como anteriormente referido, a fim de evangelizar o arquipélago, as missões católicas enfrentaram numerosas dificuldades. Essas dificuldades foram devido à insuficiência de missionários, pouca habilidade dos mesmos nas suas atividades religiosas, portanto não foi diferente na ilha de Santiago e em particular nas regiões onde apareceu o fenómeno dos rabelados.

No início desse século [XX] a ilha de Santiago sobretudo o concelho do Tarrafal foi vítima de um abandono sacerdotal, por falta de padres, o que levou as pessoas do interior a praticarem de sua maneira o catolicismo acompanhado das crenças e ritos africanos. Eles eram aceites e considerados pelos padres antigos porque era talvez a única forma de continuar com o catolicismo e a maneira mais viável para a sua aprendizagem. (MOREIRA, 2009, p. 20).

Segundo Ascher (2011, p. 27) o surgimento do fenómeno rabelados, deu-se na década de quarenta em meados de 1942/43 após a chegada dos primeiros padres missionários da

⁶ (...) o “morgadio” se caracterizava por um conjunto de bens inalienáveis e indivisíveis que estavam indissolúvelmente ligados a uma família. Esta forma de propriedade era transmitida em linha masculina pelo primogênito. Os irmãos eram excluídos e apenas recebiam subsídios tirados do rendimento do morgado, possuidor do vínculo e administrador dos bens que o integravam (COUTO, 2001, p. 80).

Congregação do Espírito-Santo e o novo bispo da diocese D. Faustino Moreira dos Santos (1941-1955) em novembro de 1941. Esses missionários estavam encarregados de proceder a uma renovação da igreja católica, introduzindo um maior rigor no apostolado e nos sacramentos. Alguns costumes e ritos religiosos enraizados na tradição popular com o apoio dos antigos padres passaram a ser proibidos.

Em entrevista a Ascher (2011, p. 30), Moisés Lopes Pereira, conhecido por Tchetcho, atual líder da comunidade dos rabelados que se encontra no Espinho Branco, afirma que antes de 1941, toda a população, incluindo a comunidade, pertencia à religião Católica Apostólica Romana. No entanto, na ótica de alguns crentes, as reformas religiosas trazidas pelos novos missionários violavam os princípios dessa religião.

Ascher (2011, p. 30) enuncia que a insuficiência do atendimento religioso levou a uma ruptura entre os habitantes da zona costeira e o povo do interior da ilha, incitada a viver uma religiosidade misturada com superstição e magia. Nas regiões norte-orientais da ilha, em maior número nas freguesias de Santo Amaro Abade e de São Miguel, e numa menor proporção em Santa Catarina e em São Salvador do Mundo, nos finais da década de 1950, início de 1960, ficou visível um conjunto de indivíduos com algumas práticas peculiares das demais sociedades, que depois de certo tempo foi denominado de rabelados. Estas pessoas viviam nas montanhas e lugares de difícil acesso onde no passado, se refugiaram a fim de evitar perseguições e torturas por parte da autoridade local. No seio da sociedade cabo-verdiana e especificamente no cotidiano *badú* eram frequentes práticas sociais religiosas singulares e tradicionalistas.

No que concernem as suas festas são totalmente espirituais, com rezas, ladainhas, novenas, que segundo eles permitem uma maior aproximação de Deus. Até a década de 1940 as atividades missionárias católicas, liturgias e pastorais eram exercidas na maioria das vezes na língua materna pelos padres nativos, como os próprios rabelados denominam, de “padres de batina preta”, em colaboração dos diáconos, catequistas, líderes comunitários que preenchiam as lacunas no decorrer desse processo, no caso de ausência dos padres.

A perspectiva era da implementação da reforma religiosa e fazer cumprir as suas demandas anteriormente ao Concílio Ecumênico Vaticano II (1962). Isso visou a condenação de diversas práticas religiosas tradicionais mencionadas anteriormente.

[...] a missa é celebrada na língua vernacular, portanto, em português, e pode ser celebrada fora dos locais sagrados. O padre faz os officios da cerimônia face aos fiéis e já não voltado para o altar. Veste-se quase como um civil e respeita o celibato. A união livre e o divórcio são banidos, o que significa que os padres já não batizam os filhos adulterinos. As ladainhas são condenadas devido aos seus atos profanos, o

Fazer Cristã é proibido, o número de dias santos é reduzido, as confissões e celebrações passam a ser pagas, [...]. (ASCHER, 2011, p. 30).

Nas palavras da Misá, na época, o padre Joaquim Furtado que faleceu no mês de abril no ano de 1940 fazendo parte da última geração dos padres tradicionais “padre de batinas pretas” alertou os fiéis sobre a chegada dos novos padres, “padres de batina branca”, aconselhando-os no sentido de recusar os ensinamentos dos mesmos, pois são falsos profetas, vestidos de cor de ovelhas, usando corrente do diabo (rosário de plástico) com o objetivo de mudar o estado de espírito desses fiéis.

Durante a pesquisa, através de conversas informais junto ao Senhor Felix⁷, o *portador da bandeira*, um dos rabelados anciões da comunidade de Espinho Branco, ele apresentou baseando em muitas passagens bíblicas a interpretação da chegada de falsos profetas e do fim do mundo a exemplo de (Marcos, 13:22; Actos 20:29; Lucas 6:26)⁸.

Figura 6 - Senhor Felix, um dos anciões da comunidade.



Fonte: Acervo fotográfico do autor, fev. 2016

Por outro lado, Muniz e Bargados (2012, p. 39), mostram que a implementação da nova doutrina pretendia cumprir com os princípios estabelecidos na Concordata que o Salazar

⁷ Durante a entrevista o Sr. Felix não se identificou com o próprio nome, mas se apresentou como “rabelado do nosso senhor Jesus Cristo”, identificação coletiva dos rabelados, que mais adiante iremos tratar sobre o porquê dessa identificação.

⁸ Lucas (6:26) - “Ai de vós quando todos os homens de vós disserem bem, porque assim faziam seus pais aos falsos profetas”. Actos (20:29) - “Porque eu sei isto que, depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos cruéis, que não pouparão o rebanho” Marcos, (13:22) - “Porque se levantarão falsos cristos, e falsos profetas, e farão sinais e prodígios, para enganarem, se for possível, até os escolhidos”.

assumiu com o Papa Pio XII, em maio de 1940, com a implementação no mesmo ano, sob a vigência da Congregação do Espírito Santo.

A partir da implementação das novas regras no seio religioso católico, com a proibição da prática de costumes e rituais religiosos enraizados na tradição popular, e principalmente a falta de compreensão das inovações por parte das populações do interior da ilha, gerou uma série de conflitos internos que aos poucos deu numa uma drástica separação no seio da igreja católica. Formaram-se de um lado fiéis que ia para igreja, seguindo o doutrinamento dos missionários espiritamos recém-chegados, já do outro lado, grupo de fiéis que apresentaram resistência a tais modificações.

Quanto ao último grupo referido, passaram a manifestar as suas crenças em casa ou em lugares mais particulares com base nos ensinamentos e valores religiosos tradicionais deixados pelos padres nativos, lendo e interpretando alguns escritos sagrados.

Desapegados a bens materiais e respeitando os valores espirituais, os rabelados resistiram aos ensinamentos dos novos padres também por serem materialistas por transportarem de cavalos, de motos, e por vezes de carros no interior da ilha, já que os antigos padres não tinham esse costume.

Os rabelados têm fé em Deus, mas acreditam que não é necessário se ajoelhar perante os homens para confessarem os seus pecados. Não adoram as imagens nem esculturas confeccionadas pelas mãos do homem pecador, visto que tanto Jesus como os outros Santos são seres sobrenaturais. De acordo com Misá:

Os rabelados têm um símbolo, que é a sua pequena cruz de madeira em bruto que colocam à volta do pescoço e que fazem sem pregos - devido à crucificação de Jesus - ligando as duas partes com um fio de algodão. Feita pela mão de Deus, a madeira representa a árvore da vida com as suas raízes no Inferno e os seus ramos englobando o mundo. [...] A estátua de Jesus não figura aí, pois o Cristo transformou-se em espírito para subir ao Céu. [...] no mesmo fio onde penduram a cruz, os rabelados têm um amuleto de azeviche (*Sibitchi*) que os protege do mau-olhado. (ASCHER, 2011, p. 68).

Segundo as leis sagradas dos rabelados os sábados e domingos devem ser reservados as atividades religiosas. Fazem jejum até às 15 horas e se tem o costume de se reunir geralmente na comunidade de Espinho Branco, realizando leituras junto aos líderes, apoiando nos livros antigos, como o evangelho, a sagrada escritura acompanhada de cânticos das litanias. As práticas religiosas no seio dos rabelados apresentam características híbridas quando trazem elementos do catolicismo romano oficial, mas em decorrência disso ela apresenta alguns aspectos que remetem as religiosidades africanas.

Essa prática do catolicismo homogeneizada surge em decorrência da insuficiência de missionários católicos, por vezes também pelo abandono sacerdotal passando décadas, principalmente nas paróquias dos interiores das ilhas. Por outro lado, os padres tradicionais até 1940 concordavam e apoiavam o exercício dessas práticas enraizado na cultura popular local do povo. De acordo com Monteiro Junior (1974, p. 68) “A importância dessas práticas tornou-se fundamental para a cultura religiosa de certas populações de zonas rurais de Santiago, pelo que a vida religiosa já não era concebida sem a introdução de certos rituais que entraram na rotina dessas pessoas”.

De uma forma geral a ilha apresenta uma multiplicidade de práticas culturais, derivado da cultura africana. Podemos citar práticas como: *a tabanka*, *o batuque e finaçon o funana*, e em relação às atividades religiosas podemos destacar: ladainhas, *stera* (culto aos mortos), rezas e meias rezas; vésperas; novenas e estações; guarda *kabeça* ou *septena*; fazer cristão; em paralelo a essas práticas é facilmente identificadas crenças em feitiçaria, a magia negra ou *korda* e o fetichismo, *oras minguada*, de entre outras práticas.⁹

3.3 TEMPOS DE REVELAÇÃO E O APARECIMENTO DA REDE DE GRUPOS

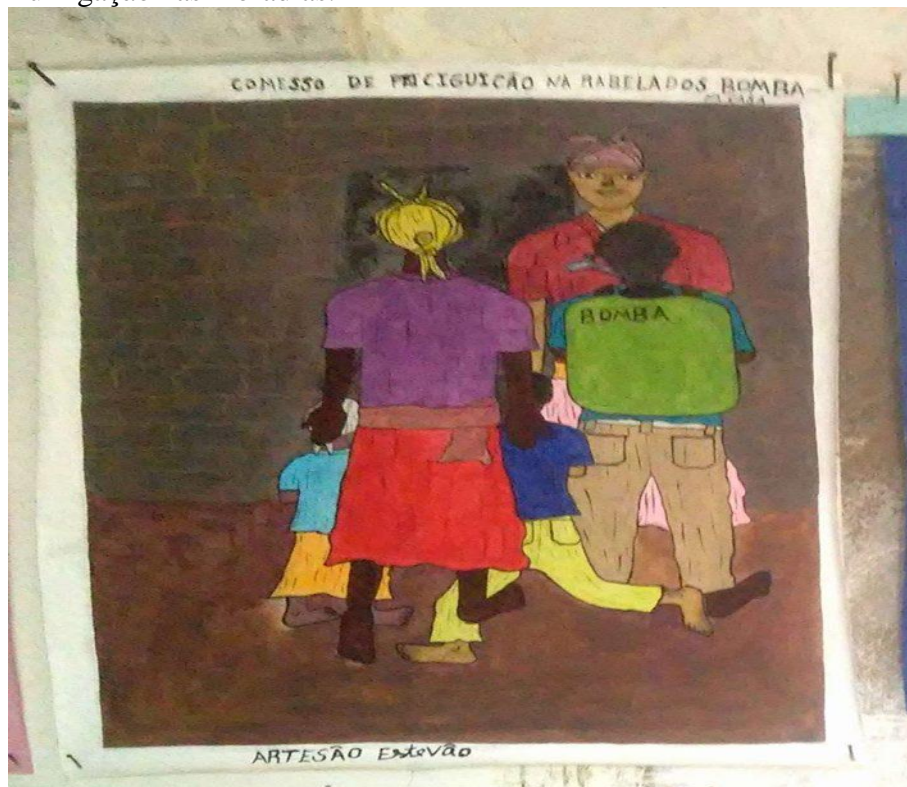
Apesar dos acontecimentos tendo como fundo as divergências dessas populações em relação aos missionários da congregação do Espírito Santo até o início da década de 1950 não podia identificar comunidades dos rabelados demarcada socialmente ou territorial, mas sim só nos anos de 1961, quando a situação agravou-se adquirindo um cariz político. Contudo a Missão Permanente de Estudo e Combate das Endemias que foi criada em 1955 com o objetivo de extirpar as doenças endêmicas, em especial a cólera e a malária, teve uma influência significativamente para o aparecimento desse cenário.

O recenseamento da população e a delimitação das propriedades rurais decididos pelo governo central em 1955 realizam-se em conjunto, sem atenção para com os habitantes. No ano seguinte, têm lugar às campanhas de luta contra a malária e a pulverização de DDT no interior das casas, sem nenhuma explicação nem justificação. Simultaneamente, algumas equipas sanitárias efetuam colheitas de sangue para detectar a população contaminada e fazem a vacinação contra. (ASCHER, 2011, p. 24-25).

⁹ Ver a descrição pormenorizada das práticas religiosas tradicionais dos rabelados. In: Ascher, (2011, p. 149-153)

De acordo com Muniz e Bargados (2012, p. 58), o estranhamento e a resistência dos rabelados em relação à operação de fumigação protagonizado pela Missão Combate das Endemias se deram a partir do momento em que essa população associava a clássica noção do aparecimento BCG da doença *miasma* (dificuldade de respirar) e à sua transmissão por via aérea, através do mau odor que impregnava quando se formigava os edifícios. Além do mais, cada família deveria contribuir oferecendo água aos responsáveis da operação, lembrando que devido à localização de algumas habitações, isso implicava esforço à medida que tinham que buscá-la a longa distância das suas casas.

Figura 7 - Pintura do artista rabelado Estevão, representando a campanha de fumigação nas moradias.



Fonte: Acervo do autor Fev. 2016.

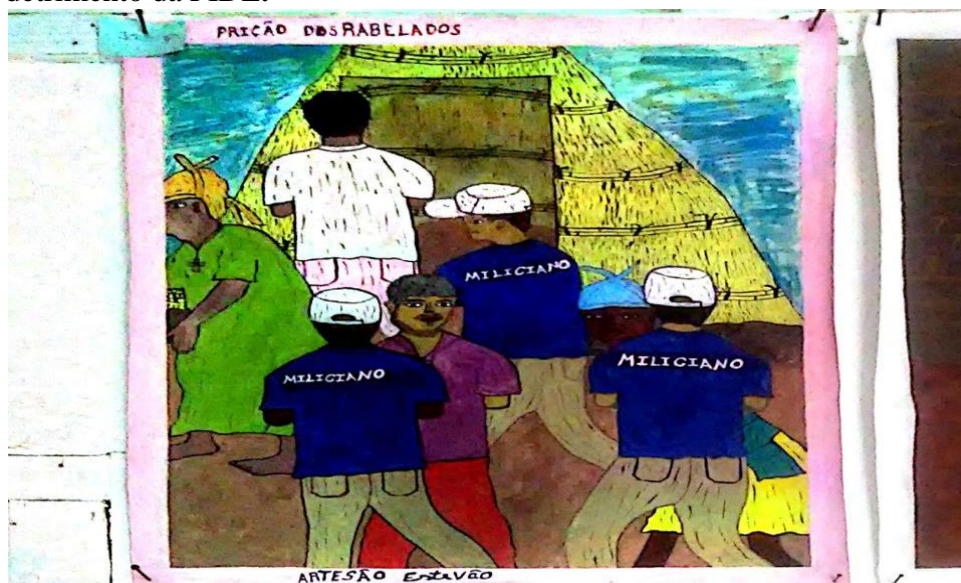
Nas ideias de Ascher (2011, p. 30-31), outro fator que influenciou a resistência dos rabelados as operações são pelo fato que habitualmente, é a administração do conselho que comunica as ordens do governo, mas desta vez, os padres missionários foram os primeiros a avisar a população das atividades sanitárias da Missão de Combate Contra as Doenças Endêmicas. Na mesma senda, Monteiro Jr destaca a contribuição dado pelos rabelados, afirmando que:

O sangue que tiram às pessoas é destinado ao contrato com demônio: todas aquelas que se sujeitarem serão, mais dia, menos dia “entregues ao satanás”. Os doutores da missão também são falsos. Nunca se viu um doutor verdadeiro andar pelo interior da ilha a vacinar e a tirar o sangue aos “santchos” (macacos), o que nenhum doutor verdadeiro faria. (MONTEIRO JR, 1974, p. 115)

No entanto, a relação da Igreja, dos agentes sanitários com a administração central era sólida. Por exemplo, que quando se verificava qualquer resistência á formicação a obrigação dos agentes sanitários era de comunicar à Polícia Internacional da Defesa do Estado (PIDE) com o intuito de deter os revoltosos, e proceder a operação. Ascher (2011, p. 31-32) nos mostra que a PIDE (miliciano) chegou a encurralar a casa dos rabelados, arrombando as portas, e ameaçando-os. As autoridades faziam vigilância apertada sobre os líderes, chegando a ser preso por várias vezes. O processo de interrogatório quando era necessário eram feitas nas próprias residências dos missionários. Segundo testemunhos recolhidos pela autora, 47 dentre eles são levados para o campo de concentração do Tarrafal e depois, para a Praia. Após serem amarrados, sujeitos a diversas formas de torturas físicas e psicológicas, foram deportados, alguns deles considerados mais influentes, para ilhas do Maio, Fogo, e Brava em tese de enfraquecer o grupo.

É de fácil percepção o sofrimento a humilhação com que os rabelados tiveram que enfrentar, tanto nas suas narrativas e memórias dos mais velhos da comunidade como também nas representações que os seus *fidjus* (filhos) fazem através das suas pinturas, ilustrando as ações dos agentes da saúde e da PIDE.

Figura 8 - Pintura do artista Estevão representando as repressões sofridas em detrimento da PIDE.



Fonte: Acervo fotográfico do autor Fev. 2016.

Quando as populações não concordavam com a formicação feita pelos agentes da missão de combate as doenças endêmicas, deixavam as suas casas, construíam *funkus*, (casas tradicionais simples construídas de madeira sisal e folhas de plantas e bambu) do mesmo modo, em média de um a três meses os agentes de saúde pública voltavam para fazer a formicação nos *funkus* recém-construídos, afirma Sr. Felix.¹⁰

Passamos por muitos sofrimentos, sofremos muito para chegar até aqui. Vieram [os agentes da fumigação] com bomba para utilizar dentro das casas; se tinha comidas um cuscuz no *balaio* [cesto] uma comida no prato como este aqui, entravam e não se detinham perante nada, lançavam-nas por toda a casa. [...] Na Revelação passamos pela capela de Achada Munti, e ali as pessoas atiravam-nas pedras, e sofremos muito para livrarmos dela e não morrermos ali. (MUNIZ; BARGADOS, 2012, p. 59).

Portanto os rabelados enxergavam a entrada em cena dos novos missionários, a prática de fumigação feita pela Missão de Combate Contra as Doenças Endêmicas, como também o ato de identificação das casas com numeração escritas nas portas, como um pacto conjunto com *xuxu* (satanás). Com isso, eles sempre faziam interpretações bíblicas dos acontecimentos anteriormente citados, como comprimento da penitência ditado pelo livro do apocalipse.

De acordo com Luís Romano, o pensamento do pobre é inteiramente circunscrito pelo discurso religioso. Ele lembra que “no livro dos antepassados, está escrito que uma era deve pôr fim ao Mal para só deixar o Bem! ” Para os Rabelados, o Apocalipse torna-se uma forma de construir um discurso que justifica a sua estratégia de resistência. Recusando a lei dos homens, eles vão confiar-se à graça divina e continuar a praticar a sua fé, a da “Santa Igreja Católica Apostólica Romana que existe desde a origem do mundo”. (ASCHER, 2012, p. 56-57).

O estudo de Monteiro Jr (1974), deixou em evidência que no primeiro semestre do ano de 1962 a estimativa cerca de 1330 homens, mulheres e crianças, que podiam ser considerados rabelados na ilha de Santiago, entre os três concelhos: Tarrafal na liderança com aproximadamente 1200 indivíduos, em seguida o concelho da Praia com o cálculo aproximado de 129 indivíduos, e por último o concelho de Santa Catarina tendo cerca de 130 indivíduos.¹¹

¹⁰Depoimento de senhor Felix, um dos anciões da comunidade dos rabelados de Achada espinho Branco, fevereiro de 2016.

¹¹ “Esses dados distribuem geograficamente: nas localidades denominadas de Faveta, Mato Limão, Mato Fortes, Jalalo Ramos da Freguesia de São Salvador do Mundo; em Pedra Badejo na freguesia de S. Tiago Maior; em Salineiro da freguesia de Santo Nome de Jesus; em figueira das naus, Fundura, Boa Entradinha, e a suposição demais localidades da freguesia de Santa Catarina, na Santana da freguesia de São João Batista, Chão de Ponta, Ribeirão Milho, Palha Carga, Monte Pousada, Espinho Branco, Pilão Cão, Saltos acima da freguesia de São Miguel Arcanjo; e por último nas localidades de Matinho, Achada Longueira, Cabeça de Vaca, Casa Choca, Biscainho, Ribeiras da Prata, Mato Brasil, Achada Lagoa, Pedra Comprida, Portal, Chambom e Achada Bilim, na freguesia de Santo Amaro Abade”. (MONTEIRO JR, 1974, 53-58).

3.4 RABELADOS DE “REVOLTOSOS” PARA UNS, E RABELADOS DE “REVELADOS” POR DEUS PARA OUTROS

Relativamente a designação do grupo por rabelados, Ascher (2011, p. 29) salienta que o termo, foi usado para identificar esses grupos de pessoas no interior da ilha de Santiago que antes eram considerados increntes e ignorantes. “Enquanto as autoridades de Santiago falam de rebeldes, os rabelados se nomeiam revelados no sentido de fundamentalismo religioso que perdura ainda nos dias de hoje. Por outro lado, “v” em português se pronuncia “b” em crioulo”.

De acordo com os estudos de Monteiro Jr (1974, p. 48)), a denominação aparece pela primeira vez em 16 de junho de 1959, em uma escrita feita pelo Rev. P João Eduardo Moniz¹², dirigindo ao administrador de Tarrafal. No escrito, “O missionário referia-se a ‘essa gente’ que ‘o povo deixou de chamar de incrédulo’ para com mais exatidão chamar em termo crioulo ‘rabelados’, o que em português castiço significa ‘revoltosos’ [...]”. Seja como for, decorridos alguns anos, quando em 1961 o assunto chegou ao conhecimento do então governador da província, Ten. Cor. Do C. E.M. Eng. Silvino Silvério Marques, este adotou a nova designação ‘Rebelados’- que desde então, se oficializou, generalizando-se.

Na mesma senda que Gonçalves (2009, p. 233) enuncia que a denominação atribuída pela sociedade e aceita pelos grupos é hoje objeto de uma descodificação contextualizada por parte deste. rabelados, na ótica do grupo, significa não os revoltosos ou rebeldes como foram batizados, mas sim os revelados, os escolhidos de Cristo cuja missão é preservar e revelar a palavra sagrada.

3.5 TRAJETÓRIA E O MODO SIMPLES DE VIVER DOS RABELADOS DURANTE AS DÉCADAS

Como anteriormente citado, com as ameaças, desentendimentos e atritos, esses sujeitos optaram por fugir para as montanhas ou para lugares de difícil acesso, com o intuito de evitar perseguições da Missão Do Combate Endêmicas, deixando as suas residenciais, e tudo que tinham até o momento, desagregando das demais populações, para poderem viver as suas crenças religiosas tradicionais (como foi ensinado pelos padres de batina pretas) e as suas práticas culturais tradicionais e híbridas.

Um símbolo referencial importante quando se fala dos rabelados é a arquitetura da construção das suas habitações. De acordo com Muniz e Bargados, (2012, p. 59), após

¹² Rev. Pe. João Eduardo Moniz- Pároco de Freguesia de Santo Amaro Abade na época.

abandonaram as suas casas tradicionais, de plantas retangulares, paredes de pedra e tetos a palha, típicas da ilha e do arquipélago, construíram improvisadamente *funcus*, que são casas fabricadas inteiramente com materiais vegetais a disposição, lembrando que, essas habitações tinham pouca durabilidade e de pouca resistência às chuvas e sol que faziam. Têm-se relatos de rabeladas que deram luz na época de uma forte chuva dentro dessas construções que infiltrava muita água das chuvas.

Figura 9 - Construções habitacionais tradicionais dos rabelados.



Fonte: Acervo fotográfico de Iuri Rosario, junho de 2016.

Imbuídos de um espírito comunitário, através de uma filosofia tradicional, por vezes messiânica e milenar de viver, os rabelados resistiram à proteção capitalista de aculturação forçada adotando uma forma de sociabilidade peculiar das demais populações. Ascher (2012, p. 60) nos mostra que os grupos da época apesar de se encontrarem geograficamente separados uns dos outros estão ligados por um sentimento de destino comum, que garante a sua coesão. Perfeitamente autossuficiente, eles partilham uma herança social e material.

Eram contra quaisquer modificações no seio do grupo, resistiram até certo tempo às novas tecnologias, e as “*mas influências*” da modernidade, reconhecendo como primordial na vida os valores espirituais em relação aos valores materiais. Isso é justificável quando o apropriando de leituras bíblicas Senhor Felix diz: “Jesus Cristo é uma pessoa simples e humilde. Nasceu pobre numa manjedoura encontrado por um pastor. Por isso, não aceitamos outro tipo

de habitação. Até porque ele anunciou que na sua vinda ele não vai entrar em casa de blocos com cobertura de *cimento armado* (concretos)”.¹³

Muniz e Bargados (2012, p. 62) realça que os rabelados consideram os territórios por eles ocupados como uma terra sagrada, e vêm as dificuldades que aparece no cotidiano como, o comprimento de promessa de uma nova terra de Canaã distanciando de satanás e das suas obras. Mais do que isso, mantiveram os seus calendários festivos religiosos populares, com celebrações peculiares como, por exemplo: *dia de sete, fazer Cristão, ladainhas, vésperas*. Fazem leituras dos escritos sagrados nos sábados e nos domingos, dias que segundo eles é sagrado, a prática “*Tra de casa*” (matrimonial tradicional), e resistindo aos produtos que não seja “*de Terra*” (produtos naturais) como caldo Knorr, azeite, margarina entre outros alimentos.

Olhando para a rigurosidade dos primeiros profetas/líderes e o espírito conservador dos grupos e das suas práticas, leva-nos a afirmar que as comunidades permaneceram “isoladas” da sociedade maioritária até a segunda metade da década de 1990. Resistiam a qualquer tipo de colaboração com a administração colonial, criaram meios de sobrevivências próprias, uma produção de subsistência mantendo uma dinâmica de vida peculiar das demais populações da grande ilha.

3.6 ASPECTOS E VALORES FUNDAMENTAIS DO GRUPO

Primeiramente é importante referir que no seio do movimento se consta uma forte valorização e preservação dos valores e práticas de origem africana. Tem-se um enorme respeito às normas espirituais repleto de sentimentos de união e coletividade uma vez que acreditam que a salvação de um depende da salvação do seu próximo. Mais do que isso, não faziam registro civil e no movimento se tem um princípio de identificação coletiva: “rabelados do nosso Senhor Jesus Cristo” ou algo semelhante como “rabelados por graças de Deus”¹⁴ em tese de preservação da identidade individual também como forma de garantir a proteção coletiva.

Garantiram a sobrevivência e a dinâmica de vida do grupo através da valoração das matérias primas que a natureza o dispunha, dedicando a diversas práticas de atividades econômicas para suprir as dificuldades causadas pelas secas que assolavam o arquipélago.

¹³ Entrevista com Senhor Felix, fevereiro de 2016.

¹⁴ Até os dias de hoje, os rabelados mais velhos se identificam como coletivo. “rabelados do nosso senhor Jesus Cristo” não só pela crença de que dar o seu nome a alguém e principalmente um estranho, enfraquece a pessoa, mas também como forma de preservar a sua identidade. Durante trabalho de campo, numa conversa informal com uma das parteiras mais velhas da comunidade dos rabelados de Achada Espinho Branco, mesmo sabendo desta particularidade, fiz a questão de comprovar questionando ela sobre o nome dela. Contudo o facto foi confirmado.

A maioria dos “Rabelados” vive essencialmente da agricultura de sequeiro, trabalhando em pequenas parcelas de terra. Além da agricultura, praticam a pecuária, fazem criação de gado: bovino, caprino, suíno e entre outros. Eles preocupam-se muito com os seus animais, pois eles acreditam que a continuação de alguns hábitos e costumes depende da criação desses animais. (MOREIRA, 2009, p. 29- 30).

Devido a maus anos agrícolas os rabelados passaram a praticar diversas atividades para suprir as necessidades das famílias. Passaram a praticar pescas e em pequenas proporções e geralmente para as alimentações diárias do núcleo das famílias, e o comércio informal.

O artesanato é uma das referências quando se trata das suas atividades econômicas. Inicialmente produziam objetos como balaios, esteiras, cestos, panos de terra, e entre outros utensílios do uso diário das populações do interior da ilha. Mais tarde com os projetos desenvolvidos pela artista plástica Misá nas comunidades de Espinho Branco, passaram a produzir arte ligada à cerâmica, tecelagem, pinturas que analisaremos detalhadamente mais adiante.

Durante longo período de tempo, não se usufruíam de bens públicos, não frequentavam escolas. De acordo com Ascher, (2011, p. 66), eles defendem um modelo fundado no imediatismo das sensações. Acreditando que as crianças nascem com um dom que devem descobrir ou conquistar livremente na escola da vida. Os adultos têm o dever de ajudá-los nesta via, mas sem imposições para não poluírem o seu espírito.

Acreditamos que o líder entendia de que a escola não estava apta a oferecer as crianças uma educação cidadã, e os medos eram de que a educação formal “contamina-se” as crianças quando se trata de uma “educação bancária” voltada ao lucro. Tudo isso nos faz refletir sobre o contexto educativo cabo-verdiano durante período colonial onde Fernando Tavares deixa em evidência que:

A ação educativa do regime colonial tinha como dogma a “des-africanização das mentes” dos colonizados e a sua integração na cultura e civilização europeias, com o intuito de transformá-los em trabalhadores obedientes e conformados com o status quo colonial. Nessa ótica, as escolas foram espaços de excelência na reprodução da cultura europeia dominante, fazendo-se tábua rasa da história e da cultura nativa dos africanos. (TAVARES, 2004, p. 2).

Para esse especialista na área da educação, a autodeterminação política alcançada com a independência nacional em 1975 precisava ter um desdobramento maior, traduzir-se também na emancipação cultural refletido posteriormente na educação.

Com isso, podemos considerar um dos maiores desafios para a educação em Cabo Verde é a oficialização do *krioulo kabu-verdiano* a fim de educar usando a língua materna e levando em consideração as realidades locais. Por outras palavras, é o que o pedagogo Paulo Freyre

frisa em tese a uma pedagogia de libertação, que não se pode educar por meio de uma língua no qual você foi oprimido.

Em relação ao acesso a saúde, os rabelados recusavam os serviços médicos ou sanitárias oferecidas pelo estado. No caso de doenças recorriam primeiramente a medicina espiritual através de orações, ademais a medicina tradicional, por meio de preparações de folhas das plantas, e na maioria das vezes misturados com rituais tradicionais de origem africana. Lembrando que, esse costume se faz presente por todo o arquipélago e principalmente no interior da ilha de Santiago.

No que tange a jurisdição do movimento, Gonçalves (2009) relata que este ele apresenta uma especificidade própria, sem descartar a possibilidade de existência do pluralismo jurídico entre o estado de Cabo Verde e os rabelados visto que:

Desentendimentos, conflitos, brigas, roubos entre moradores são, primeiramente levados para assembleia de culto onde, num clima negocial e de diálogo, o líder, apoiado nos princípios bíblicos, tenta resolver o conflito/litígio com base num consenso generalizado, [no caso de ações apresentando maior gravidade ou envolvendo sujeito extracomunitário é encaminhado o caso às instancias judicias da ilha]. (GONÇALVES, 2009, p. 251).

Nesse sentido que Boaventura Santos (1988) deixa em evidencia que o pluralismo jurídico aparece como uma alternativa de resolver conflitos comunitários em determinadas localidades. É justamente nesse sentido que procediam as mediações de conflitos no seio da comunidade dos rabelados de Espinho Branco.

3.7 A FIGURA CENTRAL DOS LÍDERES NO SEIO DA COMUNIDADE

No seio desses grupos era frequente a existência de figuras centrais, ou seja, pessoas bem influentes no meio, por vezes com certo nível de escolarização em relação aos outros, na maioria das vezes vinculadas aos “padres de batinas pretos”, com posse de literaturas religiosas tradicionais: Lunário perpetuo 1884; Livro “magico” de São Cipriano condenado pela Igreja oficial católica desde o Vaticano I; “o Relicário Angélico de Monsenhor Joaquim da Silva Serrano (Lisboa- 1794), uma recolha de ladainhas, novenas e cânticos; um manual dos Rituais Romanos em latim (1884); Escritos dos Santos Padres utilizados na igreja; um livro protestante proveniente da América, etc (ASCHER, 2011, p. 63).

Nenê Soldado, Maximiano Gomes Sanches, Hipólito, Julião Lopes da Costa – Chot, a figura do Luís Gomes de Pina- Nhônhô Landim são nomes de alguns doutrinadores do grupo que podemos destacar na inicial da formação do movimento.

A deportação Nhônhô Landim em 1962 teve um impacto considerável no seio das comunidades visto que era uma figura carismática e exemplar. Após o seu regresso depois algum tempo voltou a residir na sua casa em Palha Carga depois de ter sido fumigado. Pois nessa época se deu a emergência de outra figura que era o Nhô Fernando ganhando muito seguidores e principalmente na localidade onde ele residia em monte santo (Espinho Branco). Segundo testemunhos de alguns dos rabelados, muitos fiéis optaram por seguir os doutrinamentos da nova liderança, deixando de seguir os doutrinamentos de Nhônhô Landim, criando com isso duas alas no seio do movimento até a morte dele em 1964/65, numa época de fortes repressões (MUNIZ; BARGADOS, 2012, p. 64).

Nhô Fernando é reconhecido no seio do como um dos líderes mais radical e determinante na trajetória do movimento. Conseguiu unir fiéis das outras localidades vizinhas, realizando leituras aos sábados e aos domingos no Monte Santo onde hoje se encontra uma das maiores e territorialmente organizado grupo dos rabelados.

Segundo Muniz e Bargados (2012, p. 66) com a morte do Nhô Fernando em 15 de agosto de 1979 ficaram a responsabilidades de o seu filho sucessor Nhô Agostinho dar a continuação aos passos do pai. A particularidade do Nhô Agostinho é que ao contrário das outras figuras carismáticas antecedentes ele além de não ter o costume de recitar ladainhas, enfrentou algumas dificuldades no comando do grupo devido à hostilidade do movimento durante a década de 1980. Na década de 1990, onde ele já tinha conquistado a confiança dos seus seguidores aumentando a extensão do grupo ao ponto de convidar os fiéis de Achada Barbel, Pilão Cão, Ribeirão Milho e Chão de Ponta que deixassem as suas localidades para morar em Achada Espinho Branco, a fim de garantir-lhes maior proteção.

A iniciativa de organizar no Monte Santo fiéis de outras localidades vizinhos acima citados teve a sua concretização. Contudo a surpreendente morte do líder Nhô Agostinho em novembro de 2006, fez com que depois de algumas semanas o filho mais novo Tchetcho na altura tinha 24 anos, foi encarregado de guardar os livros e outros documentos sagrados e assumir o compromisso de dirigir a comunidade.

No entanto isso não souo bem na percepção de muito dos mais velhos da comunidade, visto que ele era jovem e inexperiente em paralelo da existência de figuras mais velhos apresentando possibilidades de legitimar o poder. De acordo com as contribuições de alguns

rabelados, o jovem líder foi nomeado em detrimento da influência da artista e mediadora Misá. Nesse sentido, Ascher (2011) nos mostra as motivações que tornou possível o jovem assumir a liderança. Para ela:

Tchetcho foi preferido em relação ao seu irmão de 41 anos, devido à sua inteligência, à sua paciência e à sua compreensão da espiritualidade. Mediador de conflitos, ele vai saber gerir a abertura ao mundo exterior iniciada pelo seu pai. Mas nem todos os Rabelados mais antigos o seguiram! (ASCHER, 2011, p. 62).

A hipótese é de que na medida em que aumentava a dedicação e a progressiva produção dos artistas (incluindo o líder Tchetcho), a comunidade estava passando por processo de desestabilização e crise de liderança. A gota de água foi quando as pinturas do líder o impulsionou a viajar para Europa para representar o país no ARCO - Feira Arte Contemporânea de Madrid.

Essa viagem foi vista pelos rabelados conservadores com uma violação aos valores do movimento e um desrespeito aos antigos líderes, na época esses episódios tiveram repercussão na mídia nacional onde próprios constituintes da comunidade afirmavam que: *Chefe ki dja salta agu di mar nu ka mesti*. (Não precisamos de um chefe que já atravessou o oceano) (MUNIZ; BARGADOS, 2012, p. 77).

Com a tomada de posse do jovem, frente a uma comunidade, o cenário no seio dos rabelados moldou significativamente. Se até então, a comunidade possuía no seu currículo, um passado de vários líderes rigorosos e conservadores, a liderança do Tchetcho, não ia ao encontro dessas características. Conhecedor da cultura do seu povo, ele concedeu as populações certa liberdade que até então não se tinha visto, e uma abertura ao mundo exterior começada tempos antes durante a liderança do pai.

O líder não desempenhou o papel de ditador das regras no seio da comunidade, pelo contrário, optou por se a ser paciente em relação aos anseios da população, sabendo perfeitamente mediar conflitos, e gerindo de uma forma liberal o grupo.

3.8 IMPACTO DA INDEPENDÊNCIA POLITICA NACIONAL NOS SEIO DOS RABELADOS: AFINIDADE COM O PARTIDO PAIGC

A conquista da independência foi um marco importante e responsável por aumentar os ânimos no seio dos rabelados. Nhô Fernando um dos líderes da época, por sua vez pregava a mudança, mais justiça e igualdade. Tinha uma relação muito próxima aos ideais dos africanistas

do PAIGC que protagonizaram a independência. Com isso, através do ideal da *reafricanização dos espíritos*¹⁵, a perspectiva era de que acabariam as perseguições e reinava o respeito e prosperidade chegando ao ponto dos rabelados adotaram a bandeira do partido PAIGC como algo simbólico do movimento e a imagem do Amílcar Cabral como uma representação da liberdade.

Contudo a independência não teve muito reflexo no mundo dos rabelados, visto que após a tomada de posse dos dirigentes da ilha, foi posto em ação o projeto de reforma agrária, reconhecimento territorial, intensificação da educação, e entre outras iniciativas que o chegavam aos rabelados com muita resistência.

Durante um longo período de tempo, quase não se verificou o contato entre os dirigentes do partido único para com os rabelados. Como que não se bastasse em novembro de 1980 se deu o golpe de estado projetado por Nino Vieira sob o governo Luís Cabral em Guiné Bissau, pondo fim ao projeto de unidade com Cabo Verde. Esse facto teve uma influência negativa no seio dos rabelados visto que, segundo eles foi uma traição e desrespeitos aos ideais de Amílcar Cabral.

[...] já em 1980, tal como recusaram a chegada dos padres brancos em 1941, eles não aceitaram mudar a bandeira do PAIGC pela do PAICV, sem ligação nenhuma com Amílcar Cabral. “Nós somos os verdadeiros descendentes dos Africanos da Guiné, explica Tchetcho. A bandeira da independência é a do PAIGC. Nós consideramos Amílcar Cabral como um irmão que cumpriu a sua missão na terra, trazendo-nos a liberdade. Um homem que realizou tal missão entrou na Eternidade e ganhou a Luz, o que significa que está vivo”.¹ (MUNIZ; BARGADOS, 2012, p.77).

Com isso os rabelados não descartaram os símbolos representativos do partido PAIGC, mais do que isso, como forma de reconhecimento, em quase todos os *funcos* encontra-se afixada logo na entrada fotografias do Amílcar Cabral e outras figuras históricas nacionalistas africanas como mostra a figura 7.

¹⁵ Tomada de consciência no intuito de valorizar as raízes africanas.

Figura 10 - Atual líder da comunidade dos rabelados, exibindo bem atrás dele um antigo pôster com o retrato de Amílcar Cabral.



Fonte: Catarina Abreu, no blog a Tendinha de Santiago, agosto de 2007.

Figura 11 - Quadro do artista Tchetcho representando a rezas feitas pelos Rabelados



Fonte: Acervo fotográfico de Iuri Rosario, junho de 2016.

O quadro da pintura artística trazida na figura 7 é de autoria do líder Tchetcho. Ela representa uma das práticas religiosas dos rabelados, neste caso são as rezas, onde no canto direito do quadro, se encontra a bandeira do PAIGC. Esses quadros além de representar uma prática religiosa, ela representa um respeito e sacralização da bandeira que representa o PAIGC e o carisma de Amílcar Cabral.

Mais do que isso, existe rumores que após esta separação política e administrativa entre Cabo Verde e Guiné Bissau, as entidades representativas dos rabelados dirigiram a cidade

capital Praia, solicitando uma “bandeira de Cabo Verde”, com isso os deram uma bandeira do partido PAICV. Os rabelados recusaram a nova bandeira do partido cabo-verdiano e solicitando a tal bandeira de Amílcar Cabral, ou seja, a bandeira PAIGC que representava a união entre os dois países. Com isso as entidades responsáveis falaram que se eles quisessem uma bandeira de PAIGC tinha que ir busca-la em Guiné Bissau.

4. CAPITULO III- RECONFIGURAÇÃO DOS RABELADOS DA COMUNIDADE DE ESPINHO BRANCO.

Sem descartar o fato da existência demais comunidades dos rabelados no interior da ilha de Santiago, optamos por fazer um recorte em relação a descrição e análise em torno da atualidade dos movimentos, focando no grupo localizado geograficamente em Espinho Branco, visto que além de ser um grupo maior em termo populacional foi o único grupo que possibilitou o contato prévio durante a pesquisa.

4.1 UMA NOVA ERA DOS RABELADOS

Pertencente ao concelho de Calheta São Miguel, no litoral do interior da ilha, entre Calheta e Achada Monte, num lugar de fácil acesso comparando às outras comunidades, encontra-se um dos grupos dos rabelados mais conhecido devido alguns estudos e divulgação. Sendo também maior em termos de populacional, mesmo com o contato tido com a modernidade e a ideologia de desenvolvimento, ainda apresenta uma grande pertença histórica e cultural da resistência ao regime colonial, e uma aculturação forçada.

Essa comunidade e não diferente das demais, hoje está passando por um processo dinâmico denominado através da tese da pesquisadora Maria de Lurdes Gonçalves de “reconfiguração e reformulação identitária”. De acordo com a cientista social:

[...] se por um lado, o contato com os agentes externos e a intervenção dos mediadores sociais no seio dos Rabelados vem contribuir para que os fracos laços existentes entre este grupo e o exterior se fortaleçam, o que por via de deslocamento traduz-se naquilo que Bourdieu denomina de estruturas em estruturação, por outro, ela vem enfraquecer ou desestruturar os ditos laços fortes existentes [...] (GONÇALVES, 2009, p. 236).

Essa afirmação parece ir ao encontro do pensamento epistêmico hegemônico que defende a cultura com base na ideia do “evolucionismo cultural”. Essa perspectiva tende a ver a cultura como um oposto da civilização, desta forma ela será sujeita a desestabilização da sua durabilidade e modificações frente à realidade da produção capitalista e novas tecnologias.

No entanto, acreditamos que devido ao processo dinâmico das sociedades, seria evidente definirmos a cultura com base no pensamento de Franz Boas (1858-1942) quando ele traz a cultura não como um oposto á civilização, mas sim como um complemento fundamental. Mais do que isso, ele introduziu uma nova dimensão ao conceito da cultura, não mais definido no singular, mas no plural de “culturas”. Segundo Oliveira (2014, p. 9) “destaca-se, dessa forma, a particularidade histórica de cada cultura, sendo sua formação e transformação um processo

que ocorre no tempo e de forma dinâmica e diacrônica, não segundo uma concepção uniforme da dimensão temporal como na teoria evolucionista”.

Desta forma, o resultado da análise social dos rabelados é subjetiva dependendo de que ponto de vista, e do posicionamento do analisador. Por outro lado, é importante entender a dinâmica espiritual, valores e princípios dos rabelados e dos seus filhos, antes de tirar qualquer conclusão equivocada. Pois, segundo Misá¹⁶ “os rabelados lutaram por uma causa imaterial. Uma causa espiritual e a fé deles que os manterem vivos e unidos até agora, isso nunca mudou e nem irá mudar”.

4.2. CHEGADA DA MISÁ NA COMUNIDADE DOS RABELADOS DE ESPINHO BRANCO, DANDO INÍCIO AO *PROCESSO DE TRANSIÇÃO* E O DESENVOLVIMENTO ARTE.

O contato da artista plástica com a comunidade dos rabelados se deu nos em 1997, durante a liderança do doutrinador Nhô Agostinho, pai do Tchetcho, atual líder, numa época em que o movimento estava passando por momentos difíceis em termos estruturais e econômicos. Devido a secas e crises muitos jovens viam na emigração a solução aos seus problemas, enquanto muitos dos outros não respeitavam os doutrinamentos e as ordens do líder, começando a assimilar a moda os valores da sociedade cabo-verdiana majoritária.

Segundo o relato da artista, no entanto, o cruzamento dela com o termo rabelado se deu algum tempo antes, um pouco mais de duas décadas antes de conhecer pessoalmente a comunidade:

Foi no final do ano 1973, quando com 11 anos cheguei à Suíça, por não querer falar muito com uma amiga da mãe e fui chamada de rabelado. Com isso, perguntei o porquê dessa designação e o que era rabelado? Daí respondeu! *Ahan bu ta papía* (Você fala!)? Porque eu não queria falar, daí me explicou o que era. Com isso me deu a curiosidade de quando voltar para Cabo Verde procurar conhecer de perto os rabelados. Vinte três anos depois voltaram para Cabo Verde. No primeiro ano desenvolvi projetos sociais e artísticos junto à Comunidade de Porto Madeira, onde não tinha presença do movimento dos rabelados. Um ano depois fui conhecer a comunidade dos rabelados de Espinho branco, logo de vista eu me encantei descobrindo neles uma pequena África.¹⁷

Na época apesar da comunidade já estava começado a sentir os ventos da modernidade, influências externas, não se tinha feito nenhum diálogo com as autoridades autárquicas e

¹⁶ Entrevista realizada em janeiro de 2016.

¹⁷ Entrevista realizada em janeiro de 2016.

governamentais a respeito de enquadramento escolar assistência medica e social dos rabelados e dos seus filhos. Misá decidiu servir como uma intermediaria social com relação negociando com as autoridades administrativas locais, marcando no tempo o começo de uma nova era dos rabelados.

Misá decide comprometer-se. Ela esforça-se por fazer-se aceitar pela comunidade, a fim de conhecer a sua trajetória, os objetivos e as necessidades dos seus membros, assim como a sua decisão de viver 300 anos para trás. Durante um ano, ela passa duas vezes dois dias por mês em Espinho Branco, observando-os, escutando-os. Ela tenta vestir-se eles, construir uma casa idêntica à deles. Após três anos, ela consegue obter a sua confiança. Seguindo o costume, são as crianças que vêm vê-la, enquanto ela vai tomar café com os mais velhos. E esta relação direta explica a introdução da arte através dos mais novos, que agora a transmitem à geração seguinte. (ASCHER, 2011, p. 116)

Segundo a artista essa aproximação e a aceitação por parte do líder Nhô Agostinho não foi fácil, foi um longo processo de observação, visto que nunca tinha recebido ninguém e em paralelo a um passado de marginalização que o movimento sofreu por parte das autoridades coloniais e também da demais sociedade cabo-verdiana. Graças à função facilitadora que a Misá desempenhou em relação aos organismos de cooperação, a comunidade teve inúmeras ganhos e desenvolveu no seio dela várias ações de múltiplas vertentes.

[...] então a partir de 1997 começou a intervenção da associação Aby Djan[ABI-DJAN] dirigida por Misá, e alguns projetos começaram a desenvolver-se. [misá] conseguiu financiando para construção de casas de banho, do seu próprio *funco*, do depósito de água, e também para a construção de caminho que atravessa a comunidade. [...] por fim, organizou ateliês de formação e de sensibilização no interior numa atividade incansável que prolonga até a atualidade. (MUNIZ; BARGADOS, 2012, p.74)

Os ateliês (de cerâmica em 1999 e de pintura em 2001) tiveram uma enorme participação dos jovens, e certa motivação em aprender e evoluir no mundo artístico, fazendo com que até hoje se tem o legado dessa formação. Tchetcho, líder da comunidade, junto a mais outros da comunidade decidiram continuar as suas produções artísticas e com a intermediação da Misá, hoje a arte dos rabelados é reconhecido internacionalmente, e a renda da venda das produções constitui, mais uma fonte alternativa de renda aos jovens e os seus familiares, e a comunidade em geral.

Dedicando aos rabelados a sua vida pessoal e financeira há quase 20 anos, Misá desenvolveu diversas ações na comunidade em prol da melhoria das condições de vida dessas

populações, por isso, se tem um enorme reconhecimento, desde crianças até aos mais velhos. Senhor Felix considera a Misá “como um anjo que o senhor mandou para o meio deles”.¹⁸

Figura 12 - Fotografia da artista e ativista sócio cultural Misá, à direita, um gesto de gratidão da comunidade para com a artista.



Fonte: Primeira foi extraída do perfil do facebook da artista; a segunda é do acervo fotográfico de Iuri Rosario, junho de 2016.

Mesmo considerando um início difícil, de entre as ações que eram desenvolvidas, a artista priorizava as intermediações em matéria do acesso dos rabelados á educação, que, pelo visto surtiu resultados significativos. A vida da artista gira em torno de desenvolvimento dos projetos sócio cultural e tradicionais por todo arquipélago. Devido a sua trajetória nessas áreas servindo como intermediaria nas relações de populações para com as entidades financiadoras dos projetos (empresas, estados, entes individuais) no intuito de preservar da cultura, não é estranho ouvi-la a pronunciar a seguinte frase: *Ami é um mendinga cultural* (sou uma mendiga cultural), no sentido de afirmar o compromisso dela com a valorização e preservação da cultura.

Graças a Misá hoje as crianças e os jovens dos rabelados tem acesso ao ensino, desde jardim pré-escolar até aos níveis superiores. O meu sonho é que jovens rabelados se formem em todas as áreas a fim de trabalhar e dar assistência à comunidade. Hoje temos mais de 30 crianças frequentando jardim e mais de 40 jovens no liceu e jovens fazendo formações superiores nos pais e alguns no exterior! “Afirma Zinalda de Jesus Oliveira mais conhecido por Zi”.¹⁹

Zi foi primeira rabelada a concluir formação superior. Formou-se em contabilidade com uma bolsa conseguida pela Misá na Universidade de Santiago e agora sonha com uma bolsa de

¹⁸ Entrevista realizada fevereiro de 2016.

¹⁹ Entrevista realizada fevereiro de 2016.

mestrado para formar no Brasil. Enquanto ela aguarda a tão esperada oportunidade de fazer o mestrado a jovem se mostra inteiramente motivada e criativa na realização das atividades lúdicas e recreativas com o intuito da sensibilização, visando a preservação dos valores culturais no seio da comunidade. Dando um suporte na organização da associação comunitário local, fazendo parte do grupo de teatro e de *batucadeiras* dos rabelados de Espinho Branco fundado em 2006.

4.2.1. Acerca de memórias

Carrego em min memórias de passado próximo que me faz acreditar que da mesma forma que o contato da Misá com os rabelados se deu 20 anos antes pisar na “*tchon de rabelados*” (chão dos rabelados), a minha identidade e a dos rabelados se cruzaram muito tempo atrás. Ou melhor, carreguei a identidade dos rabelados durante toda a minha infância. Minha infância? Não! É muito mais do que isso. Os rabelados fizeram presentes na minha vida e na de todas as crianças do interior da ilha de Santiago. Nos sábados ou domingos quando recusávamos ir à igreja católica ou quando recusava ir para catequese. Sempre se ouvia a frase: “*bu ka sta ba missa? Hm mi na nha casa fidju rabeladu ka ta mora*” (não vais a missa? Hum, não posso ter um filho rabelado em casa). Então é assim que a maioria dos cabo-verdianos se ouvia falar dos rabelados. Não em um povo repleto de fé, e que a conduta social cotidiana era feita com base nos valores espirituais. Mas sim, um rabelado sem nenhuma crença e nem religião.

Foi nesses momentos que eu me tornava um rabelado. Acredito que a culpa não foi da minha mãe que me chamava de algo sem saber do que era, e nem de ter uma ideia falsa do que eram rabelados. Acredito que a sociedade cabo-verdiana não estava apta a lidar com a particularidade, e muito menos com a diversidade. Na época eu senti ofendido ao ser chamado de rabelados, hoje essa denominação é motivo de orgulho. Por isso esse estudo além de dar uma visibilidade a processo sociais dessas populações, mas também fazer as crianças e adultos de sintam ou orgulho em vez de remorso quando forem designados de rabelados.

4.3 A ATUAL ESTRUTURAÇÃO SOCIAL E HABITACIONAL DOS RABELADOS

Nos dias de hoje, podemos dizer que os rabelados assumiram outra configuração política e ideologia. Andando por meio da aldeia é de fácil percepção dos sinais da modernização, se tem o incentivo à frequência nos estudos, adesão às novas tecnologias, fazem registo civil, estão

se tentando se reconciliar com as autoridades eclesiásticas do concelho se vem realizando atividades religiosas católicas como batismo das crianças e acompanhamentos catequéticos junto a paróquia de São Miguel Arcanjo, adesão às novas tecnologias através do uso de celulares, televisão, rádio etc.

Mais do que isso, a construção de moradias de forma comuns aos outros cabo-verdianos, e não de *funcus* como os velhos rabelados construíam, uns por falta de matérias primas como *ramu d'cocu* (folhas do coqueiro), *cariz* (bambu), *carapati* (sisal) e madeiras por contadas secas, outros pela aderência a modernização.

Na comunidade se tem um depósito de água que é abastecido pelo caminhão tanque a serviço da comunidade, não muito longe se encontra uma pequena loja que vende os bens de primeiras necessidades e produtos frescos, junto a isso, o famoso *grogue de Cana* (aguardente natural de cana). Esses espaços podem caracterizar como principais meios de sociabilidade e passagem de conhecimentos de uma forma informal, servindo também como locais de diversão dos jovens da comunidade.

No interior da comunidade se tem uma construção de dois pisos, caracterizado como centro multiuso. Por um lado, é utilizado desde algum tempo *jardim de infância Tchuta ku Tchubi*²⁰ das crianças da aldeia, e outras repartições do espaço serve para hospedar visitas, e também como armazém e ateliê de alguns artistas.

Como símbolo da resistência e afirmação de uma identidade e valores próprios, se tem logo no início das habitações umas fileiras de *funcus*, servindo como habitações de alguns dos pintores e seus familiares, e na vizinhança se encontra um edifício RABEL' ART ocupado pelos artistas, tornando ele dessa forma um centro de exposição e vendas dos seus produtos. Lá, dentro é possível encontrar as pinturas feitas por jovens da própria comunidade, cerâmica, e outros utensílios e produções artísticas.

A fé e a determinação são de ir mais além desse horizonte. “Irei me sentir realizado, após a concretização do meu sonho de além de lançar um livro sobre *os padres de batina preta* abrir um Museu intercontinental na comunidade dos rabelados”. Afirma Misá²¹.

Em abril de 2016 o jornal cabo-verdiano a nação publicou uma manchete onde a Misá solicitava apoios para a finalização das obras das aldeias criativas na comunidade dos rabelados de Espinho Branco. “Temos um museu que falta teto e janela, uma esplanada, uma praça dos

²⁰ Nome do jardim infantil em Homenagem a duas crianças da comunidade de Espinho Branco.

²¹ Entrevista fevereiro de 2016.

artesãos, casitas para turistas, casas de banho, vedações, pocilgas, entre outros trabalhos por fazer, mas não temos nenhum meio”, lista Misá.²²

Analisando a primeira descrição e a caracterização do movimento feita nos estudos de Júlio Monteiro (1974) nota-se hoje outra dinâmica de vida no seio comunidade e a atual configuração que o movimento tomou. Chegando à comunidade de Espinho Branco podemos ver os *fidjos de rabelados* num cenário social híbrido, na medida em que a conduta social é baseada nos princípios tradicionais, mas sem abrir mão da modernidade. Por exemplo, muitos moram em habitações tradicionais *funcus*, mas lá dentro eles se encontram ouvindo rádio, assistindo telenovelas brasileiras transmitindo pela TCV (Televisão de Cabo Verde) comunicando com o mundo a fora através de celulares principalmente pelas redes sociais.

Figura 13 - Marcas da modernidade.



Fonte: Acervo fotográfico de Iuri Rosario, junho de 2016.

Essa encenação para uns é permanente, mas para outros é meramente temporário à medida que se a perspectiva de sair da comunidade para fazer o ensino superior e à procura de empregos a fim de ter melhores condições de fazer comércio. De acordo com a jovem Zi²³, devido a não comprimento das exigências e valores culturais e religiosos do grupo, os mais jovens da comunidade não se consideram rabelados, mas sim, *fidjos dos rabelados* (filhos dos Rabelados), os herdeiros da revelação e da amarga trajetória que o movimento até a atual configuração. Na mesma senda, Muniz e Bargados (2012, p. 71) frisam que:

²²Jornal a Nação online dia 13 de abril de 2016. Acessado em maio de 2016, link: <http://anacao.cv/2016/04/13/obras-das-aldeias-criativas-rabelados-precisam-de-mil-contos/#!prettyphoto/0/>

²³ Entrevista realizada em fevereiro de 2016.

Os rabelados da nova geração, filhos e netos de quem sofreu a repressão da década de 1960, têm perfeita consciência da brecha cultural que os separa dos rabelados antigos, mas muitos deles rejeitam ser simplesmente diluídos no caldeirão do resto da sociedade santiaguense contemporânea.

Cabe aos mais jovens desenvolver ações que visando não a manutenção dos costumes e das práticas culturais, como vem sendo feito por meio das artes mais especificamente através do teatro e composições musicais das batucadeiras rabeladas, este fundada desde 2006.

Com esse propósito, em 2004, Misá através da associação ABI-DJAN com a produção de QUINTALVIDEO gravaram o CD-ROM com os cânticos religiosos tradicionais dos rabelados, “*Cânticos sagrados de Cabo verde- A litania dos Rabelados*” composto por 12 faixas de cânticos, e um livrete da autoria da Misá descrevendo em português e francês os princípios fundamentais da vida comunitária dos rabelados, como também as explicações para as ladainhas.²⁴

Figura 14 - CD-ROM dos Cânticos sagrados “litania dos Rabelados”.



Fonte: Acervo fotográfico do Autor.

Misá nos mostra que essa iniciativa faz parte de uma resposta à necessidade de salvaguardar a memória oral religiosa coletiva dos desses povos. Por outro lado, ela se lamenta pelo fato de que a maior parte das cópias do CD-ROM produzido disponibilizado a venda nos correios, foi comprada por estrangeiros. No entender da Misá²⁵, os “cabo-verdianos ainda não estão habituados a abraçar a espiritualidade a fim de amar os seus próximos”.

Em síntese, uma comunidade que nas décadas de 1970 a 1990 era caracterizada tradicionalmente como um grupo “isolado socialmente e geograficamente”, hoje apresenta outra configuração após um processo de transição iniciado nos finais da década de 1990. Com a comunidade modernizada tendo aproximadamente quatro centenas de moradores, verifica-se

²⁴ Ver em anexo, livrete sobre as ladainhas de autoria de Misá.

²⁵ Entrevista Fevereiro de 2016.

uma forte relação com o seu mundo exterior, apostando na educação e formação dos jovens e adultos, incentivando o desenvolvimento da pintura e das outras atividades artísticas com o objetivo de promover um desenvolvimento sustentável da comunidade, através do espírito solidário “*djunta mō*” (ajudar uns aos outros).

Um fato relevante na comunidade é a questão da emancipação das mulheres fortes e batalhadoras, que muitas vezes eram consideradas como “*donas de casa*” e enfrentavam inúmeros impedimentos devido aos princípios do grupo. Pouco a pouco foram conquistando os seus espaços na comunidade e na sociedade cabo-verdiana em geral.

Hoje se tem grupos de batucadeiras rabeladas formada em 2006, mulheres desenvolvendo arte na comunidade, licenciadas, professoras, e entre outras áreas importantes na tomada de decisões, conquistando uma maior e melhor visibilidade no seio da comunidade. Em outubro de 2016 três mulheres cabo-verdianas, entre elas duas pertencem à comunidade dos rabelados de Espinho Branco, foram manchetes nas mídias nacionais, quando partiram para Índia com o propósito de realizar uma formação de seis meses na Universidade dos Pés Descalços (*Barefoot College*) aprendendo a fabricar e instalar painéis solares. A proposta surgiu através de intermediações da ativista social Misá, na perspectiva de transformar a comunidade com o fornecimento de 100% energia solar²⁶.

4.4 A EXPRESSÃO ARTÍSTICA DOS (EX) MARGINALIZADOS

Os artistas em Cabo Verde e as suas produções constitui um forte no que tange a representação da cultura cabo-verdiana. Tanto as produções das artes tradicionais a exemplo da tecelagem, cerâmica que desde muito tempo eram produzidas com o intuito de decorar os lares e servindo também como instrumentos de usos nas atividades diárias, as artes plásticas a partir de algum tempo se tornou também um importante meio de expressar a cultura e a identidade cabo-verdiana.

A intensificação das produções artísticas e o aparecimento de novos artistas deram-se após a independência. A tese de uma maior valorização preservação das raízes africanas da cultura pregada pelos protagonistas da independência teve impacto também na arte através da pintura e escultura após a independência alcança em julho de 1975.

²⁶ Jornal online, acessado em agosto de 2016. Link: <http://www.expressodasilhas.sapo.cv/sociedade/item/48816-cabo-verde-vai-ter-tres-bolseiras-na-universidade-dos-pes>

De início, todas as produções pictóricas evidenciavam a proclamação da liberdade e da alegria da independência, retratando temáticas locais visando à valorização dos valores africanos, através da tese “*voltar às origens*”. Nos dias de hoje, o artesanato cabo-verdiano constitui uma atração aos turistas. Enquanto para uns essa produção e comercialização representa um meio extra de renda, para a maioria desses artistas tal atividade representa o único meio de subsistência para suas famílias.

Os rabelados, da mesma forma que muitos artistas santiaguenses, até os finais da década de 1990 produziam de forma tradicionalmente tecelagens e cerâmicas que utilizavam nas suas atividades diárias e por vezes comercializavam. A partir da realização dos ateliês (de cerâmica em 1999 e de pintura em 2001), tendo uma enorme participação dos jovens, fez com que hoje a produção pintura e a cerâmica são as atividades que se insere a maioria esmagadora dos artistas.

A importância decisiva que tiveram os ateliês formativos organizados pela Misá, e as possíveis influências posteriores da televisão, de livros e revisto, as contratam com a percepção geral dos visitantes, para quem a expressão plástica constitui o resultado espontâneo de uma tradição ancestral na qual participam as pessoas naturalmente dotadas para a pintura. (MUNIZ; BARGADOS, 2012, p.81).

Depois dos ateliês os alguns jovens decidiram continuar com as atividades, pintando o que eles sentiam ou o que eles tinham em mente, mesmo com algumas dificuldades. De início Misá coordenadora do projeto, levava caderno e lápis e mais tarde tintas e pinceis a fim de encoraja-los continuar as suas atividades artísticas.

A produção artística na comunidade cresceu e conquistou o seu espaço no mercado nacional e principalmente internacional e ganhando prêmios artísticos importantes fazendo com que a comunidade entrasse na rota turística da ilha de Santiago.

A produção artística da comunidade é a cargo de alguns jovens a exemplo de Fico, Sabino, Josefa, Canhobai, Neya, Tchetcho o líder e entre outros “rabeladinhos” da nova geração como mostra a imagem seguinte.

Figura 15 - Nomes dos pintores rabelados



Fonte: Acervo fotográfico de Iuri Rosario, junho de 2016.

A produção fez com que a comunidade seja destaque o mundo das artes, e mais do que isso, a arte hoje constitui mais um meio de sustento aos junto aos seus familiares e contribuindo para a sustentabilidade da própria comunidade à medida que são como os demais da população rural da ilha de Santiago, trabalham anualmente certa porção terras na esperança de uma boa colheita.

Muniz e Bargados através de uma leitura pormenorizada das expressões artísticas dos rabelados e realça que:

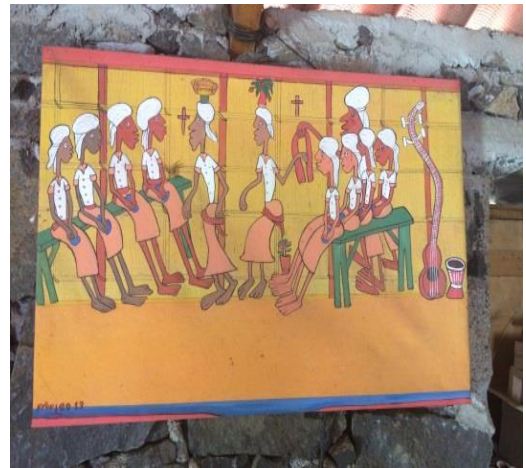
As cenas retratadas [nas suas pinturas] referem-se a diversos aspectos da vida cotidiana da comunidade, ou ao universo dos contos populares, muitos deles comuns a todo o arquipélago. A televisão, e o uso que durante vários anos lhe foi dado como meio de entretenimento para as crianças no jardim (infantário), pode também ter servido de referência ou inspiração na fase de conformação de linguagem pictórica. As telas dos jovens rabelados patenteiam fortes analogias com a estética dos desenhos animados. As tintas planas, o contorno da personagem marcado a preto, a desproporção caricata das personagens representadas, constituem semelhanças formais que os próprios turistas assinalam ao contemplar pinturas [...] as personagens encontram-se quase sempre a realizar uma ação, e muitas vezes dialogam entre elas enquanto efetuam tarefas diversas: pilam o milho, regressam de pesca, brincam com uma roda, rezam, cozinham, tocam guitarra [...]. (MUNIZ; BARGADOS, 2012, p. 81).

Esses estudiosos enxergaram nas pinturas dos jovens rabelados, uma tentativa de configurar o seu patrimônio cultural, não só com o intuito de representar a configuração cultural nacional, mas também representando o pertencimento identitária onde se encontra os próprios autores.

A arte dos rabelados tem as suas especificidades próprias, imprimindo nas suas telas os valores culturais e religiosos, através dos quadros que ilustra a Ladainha, entrada em cena dos agentes de saúde pública, repressão e abusos sofridos por parte da PIDE, e entre outros episódios marcantes nas suas memórias, estampando uma originalidade incontestável.

Apropriando da expressão da socióloga Pereira de Queiroz, a arte dos rabelados parece querer “dizer o indizível”. À medida que retratam a partir das suas obras, seus valores e crenças, representando a humilhação e a repressão sofridas por eles em detrimentos dos sucessivos fatos acontecidos no decorrer das suas trajetórias, mas também suas vivências são representados nas artes. Geralmente retratam temáticas do cotidiano deles, nos momentos de trabalho que muitas vezes representa um momento importante de sociabilidade, momentos de lazer a exemplo de mulheres cantando e dançando batuque, e também nos momentos do exercício da religiosidade.

Figura 16 - Variedade de pinturas dos rabelados.



Fonte: Acervo fotográfico de Iuri Rosario, junho de 2016.

Hoje se verifica muitos ganhos resultados de um longo processo. Além de ter na comunidade o edifício RABEL'ART, um espaço onde os artistas produzem expõem e comercializam os seus trabalhos para visitantes, estudantes estrangeiros e turistas, participam no concurso de pinturas nacionais e suas artes já fizeram parte de diversas exposições nacionais e internacionais representando Cabo Verde, a exemplo do ARCO (2007), a feira da arte Contemporânea de Madrid.

Figura 17 - Espaço RABEL'ART, vista frontal.



Fonte: Acervo fotográfico de Iuri Rosario, junho de 2016.

Contudo acharmos importante enfatizar “o outro lado da moeda”. A resistência das elites econômicas e artística cabo-verdiana as produções dos rabelados e as suas críticas ao mérito concedido aos pintores rabelados, visto que expressam na espontaneidade, no entanto não tem uma formação artística certificada. Mais do que isso, a metáfora “artes para turistas” é comum no seio dessa pequena elite. De acordo com Muniz e Bargados (2012, p. 73), o receio é devido à crescente visibilidade das “artes de contestação” feitas pelos jovens rabelados, converter em um símbolo da representação da *kabuverdianidade*, onde a grande parte dessa elite nacional não se sente representada.

5 CAPITULO IV-UMA COMPARAÇÃO DOS RABELADOS COM ALGUNS GRUPOS MESSIANICOS NO MUNDO.

A análise dos fenômenos sociais e religiosos das comunidades “tradicionais” é uma prática que desde muito tempo vem sendo feita no campo das ciências sociais. Tanto os teóricos clássicos como os contemporâneos, trazem uma consonância no que tange a caracterização dos grupos messiânicos espalhados pelo mundo sempre apontando semelhanças e aspectos ideológicos e estruturais comuns.

É nessa perspectiva que o primeiro estudo sobre o fenômeno rabelados de Cabo Verde, realizado por Júlio Monteiro Jr (1974) faz uma analogia com alguns outros movimentos, entre os quais os movimentos messiânicos de origem Bakongo: Os Tocoístas e os Kimbanguista. A partir de contribuições de vários pensadores. Ascher (2012, p. 94; 95; 96) faz uma equivalência dos rabelados com grupos e acontecimentos sociais anteriores do continente africano, que foram vítimas do encontro e choques entre culturas e ideologias distintas, como por exemplo, a resistência religiosa de Dona Beatriz Kimpa Vital, a da Joana D’Arc do Congo que fundou o movimento messiânico dos antonianos (séc. XV a XVIII).

A explanação feita anteriormente tem por objetivo deixar em evidência a existência de múltiplos movimentos de caráter sócio religioso no mundo. Sendo assim, uns mais do que outros apresentam aspetos comuns aos rabelados. Em Cabo Verde, nos últimos anos vem sendo feitas algumas visitas, congressos, parcerias entre universidades estrangeiras com universidades cabo-verdianas, no intuito de discutir a problemática desse fenômeno religioso cabo-verdiano e confrontando-os com outros movimentos.

Monteiro (2010) realça que no universo brasileiro, cientistas sociais como Lucena (1940) e Morel (1946), são alguns pensadores que podemos citar como os pioneiros na análise sócio antropológica de fenômenos religiosos de caráter messiânico. No entanto, foi na segunda metade do século XX, a partir de produções de Hobsbawm (1959), Lanternari (1960), Pereira de Queiroz (1965) e Queiroz (1966), efetuando uma análise sociológica e antropológica destes movimentos com base em teorias estruturalistas, funcionalistas ou marxistas que vigoravam na época, deu início a uma “explosão” de produções historiográficas sobre a problemática²⁷.

²⁷ *Revista de Teoria da História* Ano 2, Número 4, dezembro/ 2010 Universidade Federal de Goiás ISSN: 2175-5892 Messianismo, Milenarismo e Catolicismo (Popular) no Discurso Intelectual das Ciências Humanas e Sociais: Apontamentos Preliminares para uma Questão Conceitual Filipe Pinto Monteiro pag. 84 e 85.

5.1 RABELADOS DE ORIGEM CABO-VERDIANA VS TOCOISTA E KISBANGUISTA DE ORIGEM BAKONGO

Levando em consideração o conceito abrangente e genérico, messianismo e movimento messiânico são absolutamente típico-ideais. De acordo com as ideias da socióloga brasileira Maria Isaura Pereira de Queiroz (1965), o messianismo remete à crença em um salvador do mundo, o próprio Deus ou seu emissário profeta.

No que diz respeito ao movimento Tocoista e Kinbanguista ambas da matriz Bakongo, Monteiro Jr (1974) faz um contraste desses dois movimentos com o movimento dos rabelados de Cabo Verde, que realmente acabam apresentando até certo ponto alguns aspectos comuns, mas por outro lado, os dois movimentos se distanciam em outras questões.

Os movimentos político-religiosos Tocoista e Kimbanguista tiveram suas origens na primeira metade do século XX. O Tocoismo atuou no baixo Congo (norte de Angola) enquanto que o kimbanguismo se desenvolveu no então congo Belga, hoje denominado de República Democrática do Congo.

Ruy Llera Blanes (2009), investigador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, através da leitura dos estudos realizados por Georges Balandier²⁸ em relação aos fenômenos sócios religiosos africanos, traz de uma forma resumida a descrição histórica dos dois movimentos e as biografias dos seus “profetas” fundadores.

Simon Kimbangu (1887-1951), nascido em Nkamba, uma aldeia situada a sul de Kinshasa (então Leopoldville), cresceu nas missões batistas locais, aonde veio a exercer como catequista. Em 1921, abandonou a missão e começou o seu próprio ministério em Leopoldville, acabando preso pelas autoridades belgas passados poucos meses. Viveu durante 30 anos na prisão da então Élisabethville (hoje Lubumbashi), onde viria a falecer em 1951. Apesar do movimento de seguimento de Simon Kimbangu ter sido desenvolvido pela sua mulher (Marie Mwilu) e filho (Joseph Diangienda), as circunstâncias do seu (curto) ministério e vida em prisão, e as memórias das mesmas, transformaram Kimbangu numa figura religiosa e simultaneamente num líder com um forte impacto político e ideológico na região (BLANES, 2009, p. 9).

No que tange a formação do movimento protagonizado pelo Simão Gonçalves Toco ele enuncia que:

Simão Gonçalves Toco (nascido em 1918, portanto na geração seguinte ao caso anterior) apresenta várias semelhanças e paralelismos, nomeadamente no que diz respeito à sua matriz étnica bakongo, a sua formação nas missões batistas (e posterior emancipação das mesmas); certamente, Toco terá sido inspirado pelo movimento de Simon Kimbangu (embora não de modo exclusivo). Dir-se-ia à primeira vista que foi

²⁸Georges Balandier (21 de dezembro de 1920 - 05 de outubro de 2016) foi um sociólogo francês, antropólogo e etnólogo conhecido por suas pesquisas na África Sub-Sahariana.

um dos inúmeros movimentos que surgiram por inspiração do exemplo anterior. No entanto, o percurso particular do seu movimento distanciou e o diferenciou da matriz profética bakongo: tendo nascido igualmente em Leopoldville, o facto de Toco e os seus seguidores serem de origem angolana levou a que fossem presos e deportados do Congo Belga sob a acusação de conspiração. Uma vez em Angola, o seguimento de Simão Toco transcendeu a barreira étnica e se transformou num “fenômeno angolano”, associado ao processo de libertação, independência e constituição nacionalista deste país. (BLANES, 2009, p.10).

Rabelados, Kimbaguistas e Tocoistas, são grupos comuns a se formaram diante de um contexto colonial ou neocolonial. Por isso se tem necessidade de analisa-los como fenômeno plural e heterogéneo, constituídos por sujeitos que normalmente apresentam culturas, ideologias e interesses subjetivos, que por fim acaba por se estruturar socialmente entre dominantes e dominados.

Numa outra perspectiva, Blanes (2009, p. 11) realça que muitas vezes a formação desses movimentos é tida como uma reação política contra a opressão colonial. Contudo, eles possuem um fundo prioritariamente religioso visto que: “o fim dos sistemas imperiais e da situação pós-colonial (ou neocolonial, conforme a perspectiva) em que a África se encontra hoje, o profetismo, messianismo ou milenarismo continuam a serem formas de experiências religiosas importantes neste continente e, já agora, no mundo”. E isso não é diferente quando se fala dos estudos sobre o fenômeno rabelados no universo cabo-verdiano.

É evidente que não podemos ignorar o amargo passado colonial, no entanto necessita de uma abordagem desprendida dessa questão. Em relação a atual igreja Tocoista é importante referir que durante o regime colonial português foi reprimida. Após a independência angolana alcançada em novembro de 1975, o tocoismo conquistou o reconhecimento a partir do seu estatuto de movimento religioso legítimo. No entanto, com os novos princípios antirreligiosos do governo do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), o movimento voltou a ser objeto de perseguição policial e entrou na clandestinidade. Com a liderança de José Eduardo dos Santos, no poder desde 1979, os discursos políticos e religiosos em Angola foram sendo progressivamente moderada.

No universo dos rabelados de Cabo Verde, mesmo após a independência alcançada em julho de 1975, foi mantida uma relação muito estreita entre os rabelados e as autoridades estatais e nacionais, consequências de sucessivas “decepções” por parte da comunidade, fazendo com que o líder se doutrina o grupo a mão dura nessas questões. Como já antes referida, os a relação de cooperação entre os dois extremos só foi visivelmente possível a partir da entrada da Misá na comunidade servindo como intermediadora nesse processo. Segundo a mediadora, apesar de muitos convites feitos aos representantes da nação só em fevereiro de 2007 a comunidade rural

dos rabelados do Espinho Branco, ilha de Santiago, recebeu a visita do ex-primeiro ministro, José Maria Neves²⁹.

Em síntese, os dois movimentos religiosos de matriz Bakongo assemelham aos rabelados de Cabo Verde. No que tange a capacidade e carisma dos líderes que mesmo ciente da condição delicada que estavam se submetendo, reagiram a uma suposta “colonização política e espiritual”, pregando e conquistando seguidores sob a crença do regresso do “messias” a fim de fazer reinar o bem em detrimento do mal. Por outro lado, a origem religiosa dos rabelados se distancia dos dois movimentos quando se trata da sua matriz religiosa, e a iniciativa de expansão e universalização. O rabelados de Cabo Verde se derivou da religião Católica e Apostólica Romana, enquanto os outros dois são de origem protestante (batista). A igreja católica não aceita cisões e separações, enquanto no mundo protestante estas são frequentes. Como resultado, o universo protestante é muito fragmentado em centenas de igrejas, enquanto o catolicismo permanece centralizado com um líder supremo, o Papa.

Além do mais, se tomamos como exemplo a trajetória e a atualidade do Tocoismo, Blanes (2009, p. 14) evidencia que hoje ela é a segunda maior igreja cristã em Angola a seguir à Igreja Católica, ou seja, conquistou espaço a nível nacional tendo mais de um milhão de seguidores em Angola. Nas últimas décadas a Igreja Kimbanguista teve uma ampliação maior, a partir da sua reformulação, que promoveu a sua redefinição como uma igreja universal superando a fronteira étnica Bakongo, superando o território nacional angolano, como também o limite continental de África. Enquanto que o movimento dos rabelados é diferente dos dois movimentos acima citados, pois a política de expansão e universalização não constituiu os seus propósitos. Adotaram uma política de distanciamento e uma iniciativa dos líderes de “isolar” o grupo, talvez com a perspectiva de garantir uma melhor proteção da comunidade, em decorrência de sucessivos atritos com os novos missionários católicos da congregação do Espírito Santo, agentes de saúde, autoridades locais e sociedade cabo-verdiana no seu todo, nas décadas de 1940, 1950 e início de 1970.

²⁹Depoimento de Misá, fevereiro de 2016.

5.2 TRADICIONALISMO E CONSERVADORISMO NOS RABELADOS E NOS AMISH

No que tange ao espírito conservador e um apego à tradição, os rabelados trazem muita semelhança ao grupo religioso Amish, um grupo formado por cristãos anabatistas que se encontra nos Estados Unidos e no Canadá.

Nos estudos de Ascher (2011) sobre os Rabelados de Cabo Verde, foi evidenciada a tal semelhança com os grupos de cristãos conservadores que, no caso dos Amish, mesmo vivendo no país considerado uma potência mundial recusam a aderência à modernização. Não usam eletricidade, televisão, telefone, automóveis e outros sinais da modernidade.

Os amish são justamente uma dissidência dos menomitas, ocorrida em 1693 e liderada por Jacob Amman (1656-1730), que exigia a exclusão dos não puros dentro do movimento. Os amish imigraram para a costa nordeste norte-americana, onde vivem até hoje. Não há amish além dos 200 mil que vivem nos EUA e Canadá.³⁰

Conseguiram até hoje preservar os seus costumes e suas práticas religiosas, de igual modo que no fenômeno dos rabelados, recusam ter uma alimentação produzida industrialmente, ou seja, consomem na maioria das vezes alimentos naturais aproveitando do meio onde vivem nas zonas rurais.

Apesar do radicalismo em relação à fé e a interpretação do sagrado, eles se relacionam sem nenhum problema com outras pessoas, mesmo que não seja adepto da mesma religião. Não compram automóveis para não “diferenciar-se dos seus irmãos”, mas, não recusam carona de outros. Por essas razões, achamos que esse grupo apresenta as mesmas características dos antigos rabelados. Por exemplo, os cristões de ambos os grupos não gostavam de ser fotografados e os Amish também tomaram a iniciativa de desenvolvimento de atividades artísticas, confecções de bonecas, produtos alimentícios como geleias e entre outros gêneros comercializáveis.

Contudo, ao contrário dos Amish, na trajetória dos rabelados, nos últimos tempos os ventos da globalização têm soprado no seu território. A morte dos mais velhos e óbvios mais conservadores, mais tarde a tomada de posse do líder Tchetcho diferente de todos os demais que assumiram esse posto, ele adotou uma política liberal, numa época em que mais do que antes, o grupo estava sentindo a fervor de novos tempos. Podemos afirmar que encontravam numa encruzilhada entre a “tradição e a modernidade” e o jovem líder não tinha outra opção a não ser de difundir suas vivências e seus valores espirituais por meio das artes.

³⁰ Revista Resposta Fiel, ano 6, nº 22, DEZ - JAN- FEV/ 2007, Casa Publicadora das Assembleias de Deus, Rio de Janeiro, RJ. Acessado 20 agosto de 2016. Link. <http://peregrinodecristo.blogspot.com.br/2011/12/quem-sao-os-amish.html>

5.3. FILOSOFIA MESSIÂNICA E MILENARISTA NA TRAJETÓRIA DOS RABELADOS, E A SUA EQUIVALÊNCIA COM ALGUNS GRUPOS SURGIDOS NO BRASIL.

Conceituar o termo ‘messianismo’ e seus pares ‘messias’ e ‘messiânico’ não é uma tarefa nada simples, uma vez que vários autores a exemplo de Norman Cohn (1915-2007), Henri Desroche (1914-1994) e Maria Isaura Pereira de Queiroz trabalharam e outros tantos continuam trabalhando com os termos nos mais diferentes aspectos. De certa forma, esses termos estão intimamente ligados e que necessariamente se completam e se relacionam entre si mesmos, embora tenha uma possibilidade de existir movimentos milenaristas que não possuem fundo messiânico. Esses grupos normalmente são dirigidos por um ou mais líderes guerreiros conselhos dos anciãos de entre outra figura inspiradora.

Fazendo uma leitura teológica do antigo testamento, o termo Messias remete a um salvador prometido. Formalmente o significado etimológico da palavra remete a um ser ungido.³¹

A sua chegada, que porá fim à ordem presente, tida como iníqua ou opressiva, e instaurará uma nova era de virtude e justiça; o segundo refere-se à atuação coletiva (por parte de um povo em sua totalidade ou de um segmento de porte variável de uma sociedade qualquer) no sentido de concretizar a nova ordem ansiada, sob a condução de um líder de virtudes carismáticas. (NEGRÃO, 2001, p. 119).

Muitas das vezes a crença da vinda do messias para reinar durante mil anos, acaba que trazer aos movimentos messiânicos ideologias e crenças milenaristas. Por outro lado, remete a uma antiga crença do fim do mundo na virada de milênios, e geralmente se baseiam no livro do apocalipse para fundamentar as suas teorias milenares.

É importante referir que esses sujeitos se norteiam, sobretudo por valores morais e sentimentos de conservadorismo tradicionais, em discordância com as ideologias de modernidade. O fato é que o público que tem essas ideologias na sua maioria são povos indígenas, populações camponesas, povos colonizados e setores populacionais marginalizados e entre outras camadas populacionais desfavorecidas.

[é tido] como movimentos messiânicos, milenaristas, ou messiânico-milenaristas desde simples contestações pacíficas quanto a aspectos selecionados da vida social, até rebeldias armadas, ambos os tipos informados pelo universo ideológico religioso, capazes de, ao mesmo tempo, diagnosticar as causas das atribuições e sofrimentos e

³¹ A socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz define o Messias como “alguém que é enviado por uma divindade para trazer a vitória do bem sobre o mal, o para corrigir a imperfeição do mundo, permitindo o advento do paraíso terrestre; tratando-se de um líder religioso e social”. (Rev. Nossa História, 13/03/2006, pág. 14 e 15)
O messias por sua vez deriva das palavras de Isaias.

indicar caminhos para sua superação, desde os mais racionais até os mais utópicos. (NEGRÃO, 2001, p. 119).

Paul Alphandéry (1962) bordou o movimento messiânico enquanto atividade de uma coletividade sob a direção de um mensageiro de Deus - o messias - para apressar o milênio. Analisando esse conceito acima referido tendo em vista os rabelados de Santiago, em Cabo Verde, veremos que esse grupo se sentiria contemplado pela caracterização, à medida que se tem na origem da sua formação, resistências a uma reforma litúrgica religiosas em decorrência da contestação ao colonialismo português. Mais do que isso, a forte influência das suas lideranças e da pregação da vinda do “Messias” ao território terrestre, fez com que sejam considerados um “pré-messias” ou um profeta como alguns pesquisadores os dominam. No Mundo dos rabelados os líderes são os “Revelados de Cristo” incumbido de anunciar ao fim do mundo e o início de uma nova era repleta de paz justiça e igualdade social totalmente diferente da realidade colonial que se passava no momento do aparecimento do fenômeno.

Numa outra perspectiva, a personalidade do pai da independência de Cabo Verde, Amílcar Cabral, e as suas ideologias, tornou-se um “*Messias ou um profeta imortal*” no cotidiano dos rabelados da época. Segundo eles, a luta travada pelo PAIGC nas vésperas da independência e a perseguição e marginalização que o grupo sofreu tinha que ser visto como um pagamento a penitência com o propósito de alcançar a “*Terra prometido*” com a independência da nação. No entanto, essa conquista da liberdade política em junho de 1975 não significou a realização de todas as suas expectativas em detrimento de inúmeros acontecimentos pós-independência tendo como principal evento o fim do projeto da união de Guiné Bissau e Cabo Verde em 1980, considerado por eles como uma traição aos ideais do “*profeta*” Cabral.

Como anteriormente referido, hoje existem vários estudos sobre os movimentos messiânicos e milenaristas por toda parte em vários continentes. Entre esses grupos, os que tiveram mais destaques em termos de estudos realizados foram os do Brasil. No texto de Negrão (2006, p.120) destacado seguintes movimentos: “O Reino Encantado”, transcrito entre os anos de 1836-1838 em Pernambuco, que teve um final trágico com sacrifícios humanos e morte violenta dos adeptos; o movimento de Canudos (1893-1897) na Bahia; e o Contestado, durante o período 1912-1916, na zona serrana de Santa Catarina envolvendo milhares de pessoas e tornando-se fenômenos de repercussão nacional.

Além desses grupos, há os mais recentes que de uma forma têm poucos estudos feitos, como por exemplo, o Beato do Caldeirão e o Circo dos Santos ocorreram entre 1920 e 1940, liderado por José Lourenço; o “Povo do Velho Pedro”, iniciado na década de 1940 no interior

da Bahia, e Borboletas Azuis de Roldão, em 1961, entre tantos outros mais recentes no território brasileiro.

5.3.1. Perfil e os exercícios da liderança dos primeiros profetas nos Rabelados e no Contestado: semelhanças e distanciamentos

O movimento do Contestado faz parte de um conjunto clássico de movimentos sócio religiosos do Brasil tendo diversos estudos históricos, mas que nas últimas décadas tem suscitado um interesse renovado sobre o movimento resultando em diversas e recentes publicações, trazendo variadas abordagens, a exemplo da importante obra do historiador Paulo Pinheiro Machado intitulado “Liderança do Contestado”, publicado em 2004.

Na perspectiva de Thomé (1999, p. 13) existe uma multiplicidade de leituras no que tange a caracterização desses fenômenos sociais no território brasileiro. Segundo ele, quando o pesquisador se trata de um religioso fará uma leitura do movimento como “guerra dos [conservadores] fanáticos”, numa leitura sociológica, o movimento será visto como “messiânico e por vezes milenarista”, numa leitura política, será vista como disputas nas “questões de limites” e numa leitura marxista são vistos como uma “Luta pela Terra”.

No entanto nessa perspectiva é considerado que o movimento do Contestado teve todas essas dimensões, ou seja, foi tudo isso ao mesmo tempo e cabe ao pesquisador delimitar o tipo de abordagem a fazer. Enquanto numa análise clássica feita por Vinhas de Queiroz (1966, p. 290) classificando-o como um movimento de cariz messiânico, nos estudos mais contemporâneos do Machado (2004, p. 25) é caracterizada “o movimento social Contestado como um fenômeno religioso de exaltação milenar com fortes características messiânicas, mantendo basicamente estas características místicas, até a sua liquidação final”. Por outro lado, ele defende a tese da laicização do conflito afirmando que:

[...] as características milenares e messiânicas *são apenas alguns dos aspectos* a serem avaliados no movimento do Contestado. No século XX, muitos movimentos sociais considerados “laicos”, como a revolução mexicana ou os movimentos pela independência das colônias africanas e asiáticas, possuem vários traços religiosos e milenares (MACHADO, 2004, p. 34).

Se averiguarmos bem as ideologias e os valores imateriais dos rabelados, veremos que se encaixariam perfeitamente na segunda classificação feita por Machado (2004) no trecho anterior, à medida que eles se identificam como católicos apostólicos romanos tradicionais. Em outras palavras, é o que Bastide (1973), Monteiro Jr (1974) e Freyre (1980) conceituam de

“Catolicismo Popular”, ou o que Candido (1964) e mais tarde Queiroz (1965), definiram por catolicismo rustico.

Em alguns escritos sociais e historiográficos sobre os fenômenos surgidos no final do século XIX, início do século XX, trazem uma caracterização discriminatória e por vezes estereotipada sobre as figuras de lideranças que costumam assumir o protagonismo desses movimentos. Como alguns autores contemporâneos da temática costumam frisar não é difícil encontrar nesses escritos pronomes como fanáticos, rebelde, arcaico, primitivo, e entre outras denominações.

Mesmo considerando certo distanciamento temporal e geográfico no que tange o surgimento desses dois movimentos (Contestados formado nas divisas de Santa Catarina e Paraná no Brasil nos finais do século XIX início do XX e os rabelados formados no interior da ilha de Santiago em Cabo Verde, nos finais da primeira metade do século XX) apresentam características próximas, principalmente em relação ao perfil e à trajetória de vida dos respectivos líderes.

A caracterização do primeiro líder dos rabelados, Nhônhô Landim, como um doutrinador sábio carismático trazido por Monteiro Jr (1974), apresenta uma proximidade com os relatos de Machado (2004) em relação aos primeiros monges no universo Contestado, nomeadamente o profeta João Maria de Agostinho. Como anteriormente foi relatada a trajetória do líder Nhônhô Landim conhecedor dos princípios do catolicismo tradicional não foi muito simples. Foi perseguido pelas autoridades locais reprimindo-o junto aos seus seguidores, foi preso e acabou sendo deportado para fora da sua comunidade com o objetivo de “dissolver o movimento”.

A história da vida do peregrino João Maria de Jesus (1983-1895) não foi muito diferente. Apesar de não querer agrupar fiéis em torno da sua figura depois dele ser preso por acusação de curandeirismo, este profeta também tinha uma relação bastante próxima com a estrutura oficial da igreja católica. Este segundo monge também apresenta algumas propriedades que identificavam com o líder Nhônhô Landim. Ele não tinha uma aproximação amigável com o clero católico. Por isso, fazia batizados autônomos e pregava um discurso apocalíptico conquistando centenas de seguidores na área do planalto.

Igualmente aos rabelados e muitos dos movimentos surgidos pela tensão derivadas do encontro cultural e religioso, o monge João Maria de Jesus realizava práticas místicas por vezes alegando a apropriação de poderes sobrenaturais. Teve alguns confrontos diretos com sacerdotes católicos da época pelo fato de exercer função de padres batizando, realizando rezas

e ministrando sacramentos. Aliás, essa prática era comum na época quando se tinha ausência ou insuficiência de sacerdotes. “João Maria afirmava que sua reza “valia por uma missa”, que a Bíblia usada pelos padres, não era a certa e, além disso, os caboclos não se cansavam de afirmar que João Maria nunca pedia dinheiro pelas suas rezas e batizados” (MACHADO, 200, p. 169). Por essas e muitas outras razões que desafiava as autoridades religiosas locais, este profeta foi conhecido como um dos mais rebeldes que passou pela região. Vale ressaltar que todas as práticas acima citadas estiveram presentes no cotidiano dos rabelados de Cabo Verde.

Os rabelados criticavam os novos missionários da congregação de Espírito Santo, chegados ao arquipélago no início das décadas de 1940, acusando-lhes de ser capitalistas e ostentadores quando cobravam para realização dessas cerimônias e por se locomoverem de cavalo ou moto, algo que não acontecia no interior da ilha de Santiago antes das décadas de 1940 com os antigos padres tradicionais.

Como bem referido nos capítulos anteriores, a iniciativa católica de reformar a estrutura eclesiástica e litúrgica com a atuação dos missionários da congregação de Espírito Santo teve um papel impulsionadora na formação dos rabelados na década 1940, e complexificando mais tarde a partir das resistências por parte dos rabelados em relação a equipe de recenseamento populacional do país e numeração de território rústico, mais tarde a recusa de colaborar na atividade de vacinação e formicação das habitações protagonizado pela equipe da missão permanente de combate as malárias e entre outros episódios de atritos com as autoridades nacionais cabo-verdianas.

Na região do contestado a atuação do monge João Maria atingiu o seu apogeu após a proclamação da República.

No sul do Brasil a igreja católica passou uma intensa reforma interna. A criação do bispado de Curitiba (1894) e de Florianópolis (1908) foi seguida da iniciativa de importação de vários sacerdotes europeus: alemães, italianos e poloneses, que inicialmente, atenderiam as respectivas colônias destas nacionalidades. Mas como a carência de sacerdotes brasileiros era grande e havia a intenção de renovação das práticas litúrgicas e doutrinárias da igreja, os padrões estrangeiros foram também empregados em grande número nas regiões de população predominante luso-brasileiro pelo catolicismo ultramontano, europeizado e romantizado. [...] no planalto serrano de Santa Catarina, o clero secular foi totalmente substituído pela ordem dos franciscanos alemães, provindes de Saxônia. (MACHADO, 2004, p.171).

Além de provocar resistências de ordem religiosa entre os fiéis do planalto a presença dos padres alemães causou um choque cultural. Esses padres traziam mais rigorosidade nas atividades religiosas, proibindo a prática do catolicismo tradicional e grandes festas religiosas tendo comilanças, envolvendo bebidas alcoólicas. Segundo Machado (2004, p. 172) “os

franciscanos chegaram com espírito missionário, como se tivessem que converter pagãos á ‘verdadeira fé’”.

O perfil do líder Nhônô Landim assemelha também em alguns aspetos com a liderança do terceiro monge na comunidade dos contestados. O Monge José Maria de Santo Agostinho entrou em cenas por voltas de 1912, ao contrário dos monges antecedentes, fazia uma pregação permanente no território contestado e não era contra os ajuntamentos de seguidores. José Maria reunia o povo em “quadros santos” a fim de realizar rezas, novenas e entre outras práticas enraizadas no exercício do catolicismo popular. Para muitos pesquisadores, este monge foi um grande intelectual e ideólogo, pelo fato dele fazer com que as populações tomassem a consciência da realidade presente na época e recusassem a forma de vida de que lhes eram impostos. As ações desse líder fizeram com que os caboclos sertanejos, humildes e trabalhadores opunham e por vezes de uma forma hostil ao processo de aculturação.

De acordo com Machado (2004, p. 178), as ações desse monge fizeram com que ele seja considerado como uma ameaça às autoridades locais da época, comandadas pelo superintendente municipal curitibano, o Coronel Albuquerque. No entender desse coronel, a expulsão do monge José Maria seria “cortar o mal pela raiz”. Para isso tomou várias iniciativas levando a cabo a concretização desta medida.

A morte do monge José Maria no movimento do contestado, não foi diferente da morte dos profetas dos muitos movimentos sócios no Brasil que apareceram na época. Geralmente morreram como vítimas de intervenção armada. O monge José Maria defendeu a sua ideologia até o ponto de sacrificar a sua própria vida em uma batalha na região de Irani, povoada por lavradores e fazendeiros gaúchos, um território marcado pelos conflitos de disputa de terra com a classe empresarial.

Na madrugada de 22 de outubro de 1912, a força paranaense foi destroçada na entrada do banhado que do acesso ao Irani. Estima-se que mais de 200 sertanejos combateram ao lado de José Maria, tendo participado do combate 40 homens que seguram o monge desde Taquaruço, pessoas do Irani, amigos, familiares [...] (MACHADO, 2004, p. 188).

Além da morte do monge José Maria e muitos outros seguidores e lutadores sertanejos esse combate terminou também com a morte de muitos soldados paranaenses e a morte do coronel João Gualberto.

Machado (2004, p. 88) ainda realça que no entender das autoridades locais, a morte do monge José Maria significou a resolução dos conflitos, visto que os sertanejos haviam dispersado e não apresentavam nenhuma ameaça. Enquanto que para os sertanejos a morte do

Monge significou um símbolo de heroísmo, fazendo com que a figura dele seja santificada e considerada como um messias que mais tarde iria retornar para fazer o bem triunfar o mal no seio dos caboclos sertanejos.

Em síntese, a abordagem anteriormente feita, teve como propósito evidenciar as múltiplas ramificações no que se refere à caracterização dos fenômenos sociais considerados messiânicos e milenaristas. Nos finais do século XIX e no início do século XX formaram-se muitos dos movimentos sócio religiosos. No entanto, nem todos tiveram a sorte de desenvolver e se afirmar enquanto movimentos legítimos, visto que uma grande parte desses grupos foi envolvida em confrontos com autoridades locais, estatais ou nacionais, no decorrer das suas caminhadas. O fato é que a figura dos (profetas, líderes, monges, messias, peregrinos, reis) e entre outra denominação concedida aos protagonistas dos movimentos sócios religiosos, deixaram marcas significativas na história das suas ações, vivendo e reproduzindo no imaginário social popular como um forte potencial em nível de narrativas orais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como anteriormente referenciado, nas últimas décadas tem havido uma renovação de interesse em estudar os fenômenos sócios religiosos surgidos nos finais do século XIX e durante todo o século XX. A maior parte de pesquisas recentemente publicadas sobre movimentos messiânicos são resultados do incentivo à realização de novas abordagens sobre esses movimentos e principalmente no Brasil, aproveitando do atual cenário, onde já se completou ou vem se completando o centenário do surgimento de muito desses fenômenos sócio religioso por todo território brasileiro.

Relativamente aos rabelados de Cabo Verde, a realidade não é diferente. O tema tem despertado interesse não só dos pesquisadores nacionais, mas também dos estrangeiros, levando a cabo uma produção mais atualizada. Isso é um resultado da constatação da pertinência que a temática traz, analisando as múltiplas dimensões que o fenômeno apresentou.

Esse trabalho teve como propósito nada mais que dar a sua contribuição, no que tange ao tema. Contribuir para uma maior visibilidade possível a uma comunidade que apresenta um grande potencial espiritual, cultural, tradicional, mas que por muito tempo esteve nas margens da história e da sociedade cabo-verdianas.

Um movimento que tem na sua origem a falta de diálogo e a ausência de conscientização das populações do interior da ilha de Santiago sobre as reformas religiosas realizadas nas décadas de 1940. Além da falta de diálogo, o suposto aviso da chegada de “falsos profetas vestidos de ovelhas” que o último padre tradicional (*padre de batina preta*) deixou a esses fiéis, contando também com as suas capacidades excepcionais de interpretar os escritos sagrados de forma que os levou a confirmar o aviso deixado, constituindo desta forma um impulso determinante no surgimento do movimento.

Igualmente não houve um esclarecimento por parte da equipe responsável pelo recenseamento populacional para com os rabelados. Mais tarde se verificou outra falta de diálogo em relação a equipe das campanhas de luta contra a malária e a pulverização por meio de Dicloro-Difenil-Tricloroetano (DDT), e por parte das equipes sanitárias no ato de colheitas de sangue para detectar a população contaminada e a posterior vacinação contra a BCG, causando um mal-entendido por parte dos rabelados quando esses comunicados foram passados pelas autoridades religiosas após uma eucaristia. Isso provocou toda aquela resistência dos camponeses cristãos conservadores.

Como se não bastasse, muito mais tarde, em 1980, também faltou comunicação e esclarecimento em relação entre a cisão política entre Cabo Verde e Guiné Bissau, é o motivo

da substituição da bandeira do PAIGC pela bandeira de PAICV tendo em conta o valor que a bandeira de PAIGC e a figura de Amílcar Cabral tiveram no cotidiano dos rabelados. Além da falta de diálogo, o suposto aviso da chegada de “falsos profetas vestidos de ovelhas” que o último padre tradicional (*padre de batina preta*) deixou a esses fiéis, contando também com as suas capacidades excepcionais de interpretar os escritos sagrados de forma que os levou a confirmar o aviso deixado, constituindo desta forma um impulso determinante no surgimento do movimento.

Relativamente a denominação de rabelados apresentou um duplo sentido. Pois, enquanto a sociedade cabo-verdiana referia ao termo no sentido pejorativo de serem revoltosos, para esses crentes o termo é um motivo de orgulho, pois, faziam uma leitura da palavra não como “revoltosos”, mas sim como os “revelados por Deus num sentido fundamentalista religioso”.

A iniciativa do auto isolamento, foi crucial no que tange a preservação dos valores morais, religiosos e práticas culturais tradicionais cabo-verdianas no seio do grupo. A iniciativa de continuar praticando um catolicismo popular permitiu-os sem nenhuma limitação viver as suas crenças místicas com uma forte presença das crenças e de cultos derivado das práticas religiosas de africanas a exemplo de: *Stera* (culto aos mortos), rezas e meias rezas; vésperas; *guarda kabeça* ou *Septena*. Isso nos faz concordar com a artista e ativista social Mísá ao afirmar que: “os rabelados apesar do processo de miscigenação que a sociedade cabo-verdiana passou, esse grupo representa um pedaço legítimo da África”.³²

Embora, recentemente a modernização não os deixou com muito espaço de manobras, levando até as populações, fortes influências das novas tecnologias, novos meios de comunicação, novos meios de transporte, o que alterou consideravelmente o modo de socialização e estruturação no seio dos rabelados. Outro fator determinante nessa reconfiguração e reestruturação foi à morte dos mais velhos e em especial os primeiros líderes que acreditamos que foram mais conservadores e menos pragmáticos.

A comunidade passou por um processo de transição tendo uma das principais marcas dessa abertura social o desenvolvimento e a comercialização das artes produzidas pelos próprios jovens rabelados. Uma comunidade que apresentava muitas dificuldades de sustentabilidade e de sociabilidade para com a demais sociedade cabo-verdiana, apresentando pouco interesse de usufruir das políticas públicas locais e nacionais, principalmente no que tange o acesso à educação, saúde, e saneamento básico. Com a chegada da intermediadora Mísá mudou

³² Entrevista realizada em fevereiro de 2016.

significativamente o cenário. Porém, a própria artista realça que “muito já se fez, mas, muito há de se fazer para melhorias de condições da vida de uma comunidade que representa a resistência do povo cabo-verdiano e podemos considera-la como um patrimônio vivo de Cabo Verde”³³.

A proposta desse trabalho foi, além de fazer uma análise descritiva e explicativa sobre o fenômeno dos rabelados de Cabo Verde, travar uma discussão em torno das novas abordagens que trazem uma leitura do movimento como algo que se encontra em vias de desaparecimento.

Ciente da distância entre os rabelados estudados por Júlio Monteiro Jr nas décadas de 1960, em comparação com a nova configuração que hoje se encontra os rabelados. Mas, é importante lembrar que nas décadas de 1990 a comunidade já se apresentava com muita vivacidade os anseios a modernidade, fazendo com que os jovens transgredissem as ordens do líder e outros começaram a emigrar da comunidade. Levando em consideração o fator dinâmico da cultura, podemos afirmar que a partir do processo de transição a comunidade intensificou o ato de pró- criar através das artes sem perder de vista os valores comunitários e identitária.

Portanto creio que alguns pesquisadores em paralelo com a mídia têm sido muito cruéis quando caracterizaram os rabelados como um movimento que está perdendo a sua identidade, ou que os agentes externos estão contribuindo para o desaparecimento dos antigos valores do grupo. No nosso entender o movimento surgiu através de uma luta para a preservação de valores imateriais, e mesmo com a modernidade e a nova configuração isso é visivelmente sentido no cotidiano dessa comunidade. Acreditamos que não são as casas tradicionais (*fucus*), e nem é a recusa do ensino formal que legitimam essas populações como rabelados ou não. Esses elementos são só parte de um conjunto de elementos e valores tradicionais do grupo. O cenário político e social cabo-verdiano é outro, por isso acreditamos que o destino que os rabelados escolherem não representa o abandono da tradição.

A aderência às vantagens da modernização os rabelados conseguiram a divulgar as suas histórias e seus valores por meio de arte, contando também com alguns estudos sobre o fenômeno visando à valorização das suas práticas culturais. Isso fez com que hoje se verifica certa conscientização e mudanças de paradigmas em relação aos rabelados, neutralizando o dogma infiltrado há décadas atrás na mentalidade de uma grande massa de cabo-verdianos de ter uma leitura estereotipada e negativa sobre essas populações.

Mais do que isso, compactuo com a afirmação de Ascher (2011) evidenciando a necessidade de não só incluir a história desse fenômeno religioso nas matérias didáticas do

³³ Entrevista com Misá, fevereiro de 2016.

ensino nacional, além disso, ela merece também ocupar um capítulo nas obras de História Geral de Cabo Verde. Esperamos que assim seja!

Devido à pertinência e à identificação com o tema, a perspectiva é de continuar nesse campo lapidando aos poucos conhecimentos no campo de ciências sociais, acompanhando de perto a dinâmica desse movimento nos dias de amanhã.

Sendo assim, seria pertinente concluir relembrando a importante e sabia frase de convite proferida pela Misá³⁴ no final da entrevista com ela, ressaltando na língua cabo-verdiana que: *“kumunidade d’Rabelados ta sta sempri d’braços abertu pa recebi kualquer k sejá ser humanu, y pa kel alguen ka ta falta um café forado. Mas é bom ki es pessoa antis d’ é entra na kumunidadi é duspi de conhicimentu ke tinha antes sobri rabelados pe podi murgudja na ses mundo”*. (A comunidade dos Rabelados estará sempre de braços abertos para receber qualquer que seja ser humano, e para essa pessoa não irá faltar uma alimentação simples à moda cabo-verdiana. No entanto, seria bom que antes de entrar na comunidade a pessoa desapropriar-se dos conhecimentos pré-concebidas sobre o movimento afim de mergulhar no mundo dos rabelados).

³⁴ Entrevista realizada em fevereiro de 2016

REFERÊNCIAS

- ALPHANDÉRY, Paul; DUPRONT, Alphonse. **La Cristiandad y el Concepto de Cruzada: las cruzadas (siglos XII-XIII)**. Ciudad de México: Uteha, 1962.
- ALVES, Maria Isabel. **Maria Isabel Alves**: depoimento [fev. 2016]. Entrevistador: E. Semedo. Praia: Palácio da Cultura, 2016. Celular. Entrevista concedida ao TCC.
- A NAÇÃO, **Obras das aldeias criativas: Rabelados precisam de mil contos**. Praia, 13 abril 2016. Disponível em: <http://anacao.cv/2016/04/13/obras-das-aldeias-criativas-rabelados-precisam-de-mil-contos/#!/prettyphoto/0/>. Acesso em: 06 de maio 2016.
- ANDRADE, Elisa Silva. **As ilhas de Cabo Verde: da descoberta à independência nacional (1460-1975)**. Paris: L'Harmattan, 1996.
- ASCHER, Françoise. **Os Rabelados de Cabo Verde**. Paris: Harmattan, 2011.
- BASTIDE, Roger. **Brasil: terra de contrastes**. São Paulo; Rio de Janeiro: Difel, 1973.
- BARGADOS, Alberto López. **Fidjos de rabelado: arte y lógicas de contestación en la isla de Santiago de Cabo Verde**. Barcelona: Bellaterra, 2012.
- BLANES, Ruy Llera. O Messias entretanto já chegou: relendo Balandier e o profetismo africano na pós-colônia. **Campos – Revista de Antropologia Social**, Curitiba, 10, n. 2, p. 9-23, 2009.
- BRÁSIO, António. **Descobrimento/Povoamento/Evangelização do Arquipélago de Cabo Verde**. Lisboa: Separata de Studia, 1962. v. 10
- CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.
- CARREIRA, Antônio. **Cabo Verde: formação e extinção de uma sociedade escravocrata (1460-1878)**. 2. ed. Praia: Instituto Cabo-verdiano do Livro, 1983.
- CARREIRA, Antônio. **Migrações nas ilhas de Cabo Verde**. Lisboa: Univ. Nova, 1977.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. 11.ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- COUTO, Carlos Ferreira. **Estratégias familiares de subsistência rurais em Santiago de Cabo Verde**. Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, 2001.
- FÉLIX, **Senhor Félix**, depoimento [fev. 2016]. Entrevistador: E. Semedo. Calheta São Miguel: Comunidade dos Rabelados de Espinho Branco, 2016. Celular. Entrevista concedida ao TCC
- FERNANDES, António Honorato M. **A inculturação da liturgia: um desafio para a Igreja de Cabo Verde**. Porto: UCP, 2012.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

GONÇALVES, Maria de Lurdes. Rabelados no Bacio e no Espinho Branco: pontes e portas na (re) formulação identitária do grupo. In: LUCAS, Maria Elisabeth; SILVA, Sergio Baptista da (Orgs.). **Ensaio etnográfico na Ilha de Santiago Cabo Verde: processos identitários na contemporaneidade.** Porto Alegre; Praia: UFRGS; UNICV, 2009. p. 229-262.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE). **Resumo dos Indicadores RGPH**

2010. 24 novembro, 2016. Disponível em: http://ine.cv/censo_quadros/resumo-dos-indicadores-rgph-2010/. Acesso em: 30 novembro de 2016.

LENNON, Edyoung. **Conversas ao Sul, RTPÁfrica**, 13 de out2016. Disponível em: <https://www.rtp.pt/programa/tv/p32590/e12>. Acesso em 20 de out. de 2016.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado.** a formação e atuação das chefias caboclas (1912-1916). Campinas: UNICAMP, 2004.

MAGALHÃES, Chissana. **Cabo Verde vai ter três bolseiras na Universidade dos Pés Descalços.** Praia, 28 maio 2016. Disponível em: <http://www.expressodasilhas.sapo.cv/sociedade/item/48816-cabo-verde-vai-ter-tres-bolseiras-na-universidade-dos-pes>. Acesso em: 06 de agosto 2016.

MONIZ, Elias Alfama Vaz. **Africanidades e eurocentrismos em pejeas culturais e educacionais no fazer-se histórico do Cabo Verde.** São Paulo: PUC-SP, 2007.

MONTEIRO, Douglas Teixeira. **Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado.** São Paulo: Duas Cidades, 1974.

MONTEIRO JR, Júlio. **Os Rebelados da ilha de Santiago de Cabo Verde.** Praia: Centro de Estudos de Cabo Verde, 1974.

MOREIRA, Bernaldino Borges. **Qualidade de vida e lazer: O caso dos rabelados de Espinho Branco, Biscainho e Bumbirem.** Praia: UNICV, 2009.

NEGRAO, Lísias Nogueira. Repensando o messianismo e profetizando seu futuro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, ANPOCS, v. 16, n. 133, 2001.

OLIVEIRA, Flavio. S. O conceito de cultura de Franz Boas e sua oposição historicista ao evolucionismo cultural do século XIX. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA: CULTURA, SOCIEDADE E PODER, 4., 2014, Jataí. **Anais...** Jataí: UFG, 2014.

POMPA, Cristina. A construção do fim do mundo: para uma releitura dos movimentos sócio-religiosos do Brasil 'rústico'. **Revista de Antropologia (USP. Impresso)**, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 177-211, 1998.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O messianismo no Brasil e no mundo**. São Paulo: Dominus/Edusp, 1965.

ROSARIO, Iuri. Acervo fotográfico: viagem para Cabo Verde. Comunidade dos Rabelados, 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Uma cartografia simbólica das representações sociais: o caso do Direito. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Coimbra: CES/UC, v. 24, p. 139-172, 1988.

SANTOS, Maria Emília Madeira (Coord.) **História geral de Cabo Verde, v. II**. Lisboa/Praia: Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, Instituto de Investigação Científica Tropical/, Instituto Nacional da Cultura de Cabo Verde, 1995.

SEIBERT, Gerhard. Crioulização em Cabo Verde e São Tomé e Príncipe: as divergências históricas e identitárias. **Afro-Ásia**, v. 49, p. 41-70, 2014.

SEMEDO, Emanuel de J. Correia. Acervo fotográfico da pesquisa de campo na comunidade dos Rabelados, 2016.

SEMEDO, J. M.; TURANO, M. **Cabo Verde: o ciclo ritual das festividades da Tabanca**. Praia: Spleen Edições, 1997.

SODRÉ, Sérgio. **Quem são os amish?** 30 de dezembro de 2011. Disponível em: <http://peregrinodecristo.blogspot.com.br/2011/12/quem-sao-os-amish.html>. Acesso em: 20 agosto de 2016.

SOUZA, Silas Luiz de. Aspectos messiânicos em José Manoel da Conceição. **Revista Teológica**, Campinas: v. 68, p. 133-149, 2008.

OLIVEIRA, **Maria de Jesus**. Maria de Jesus Oliveira: depoimento [fev. 2016]. Entrevistador: E. Semedo. Calheta São Miguel: Comunidade dos Rabelados de Espinho Branco, 2016. Celular. Entrevista concedida ao TCC.

TAVARES, Fernando Jorge Pina. **Educação, cultura e ideologia em Cabo Verde: um estudo sobre a exclusão da língua materna do sistema de ensino, no período pós-colonial**. São Paulo: USP, 2004.

THOMÉ, Nilson. **Os Iluminados: personagens e manifestações místicas e messiânicas no Contestado**. Florianópolis: Insular, 1999.

VINHAS DE QUEIROZ, Maurício. **Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado: (1912-1916)**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1977.

ANEXO - Livrete anexado junto ao CD-ROM sobre litânias dos rabelados, trazendo as explicações das ladainhas e dos valores de conduta de vida dos rabelados produzida em 2003 pela Misá.



Vida Comunitária

A Comunidade de Espinho Branco tem um chefe espiritual que nos explicou a sua maneira de viver na simplicidade e sem concorrência entre irmãos. Eis o porquê é que vivem nas casas feitas de madeira e de sisal, porque Jesus nasceu numa casa de palha e também porque a vida sobre a terra se conjuga com a vida no além.

O resultado da doçura com que praticamos a vida quotidiana também será o resultado do nosso caminho celeste. Cabe-nos viver na caridade e aceitar o sofrimento para nos libertarmos das tendências más.

Ter um comportamento mau, uma linguagem má, uma acção má, é esse o mau comportamento do pecador. Criar no seu foro interior, uma saudação a todas as coisas com o respeito que lhes é devido e acomodar o comportamento em nós que achamos nefasto. Esse é portador do exemplo daquele que diz que respeita a vida. A esperança, portanto, de conquistar a nossa verdadeira casa, assim como a nossa saudação faz-nos caminhar rumo aos santos pelos quais fazemos uma ladainha de súplica para pedir a Deus que interceda em nosso favor. Para nos favorecer no sentido de obter aquilo que queremos ter sobre a terra e nos ajudar a conseguir a saudação porque diz o Chefe Agostinho:

"A Fé, o Amor e a Caridade, é isso que leva à Casa da eternidade e que Deus nos abençoe."

Ladainha "a linguagem dos santos"

A Ladainha é uma súplica feita a um santo que foi santificado no Céu perante Deus, e que é mais fácil de ser entendido por Deus. Pedimos-lhe que suplique a Deus em nosso favor. E para tudo isso existem muitas canções divinizadas, cantadas em português crioulo e latinizado.

Para iniciar uma ladainha dizer que Deus é para os Anjos mas que para este momento ele pertence na totalidade e totalmente a todo o Mundo, é o que chamamos o Pé da ladainha... A seguir vem o hino.

É uma conjugação da palavra divina através dos cânticos. E são esses cânticos pertencentes aos anjos porque são todas palavras do nosso senhor Jesus Cristo durante o seu martírio; antes de morrer todo o seu sofrimento estava escrito num hino. Porque sofreu a troça e o mau trato no seu corpo e para com a sua palavra e Jesus não tinha a necessidade de sofrer. Mas ele sofreu por causa do povo pecador; no hino, ficou definido como é que devemos adorar a Deus. Como é que lhe devemos pedir e como é que chegamos a uma realização.

É através da adoração e da oração que chegamos a colaborar com Deus; é também necessário Ter uma fé pura e uma esperança assim como a caridade porque ela é a maior força. É ela que abre a porta do Céu. Adorar significa dobrar os joelhos no chão, orar significa mostrar a intenção a Deus; é necessário rebaixar-se perante Deus para não parecermos de igual para igual para com o nosso Pai Criador.

Explicação da ladainha

Na ladainha juntamos dois santos, o masculino e o feminino e dedicamos a primeira parte cantada ao masculino e a segunda parte ao feminino e assim formamos o casal santo diante da divindade porque é uma obrigação juntar o feminino com o masculino, é a nossa testemunha espiritual diante de Deus para que tenhamos uma balança que estará à nossa escuta e que por sua vez pedirá a Deus; a nossa vontade é que todas as coisas que fazemos na terra sejam uma figura no céu já que tudo é similitude entre o corpo material e o corpo espiritual.

Deus nos anjos é já de todos.

Chamar e apresentar a Deus o que se quereria para que ele nos escute e como somos pobres de espírito e de corpo, nós vamos pedir-lhe força e igualmente que ele nos ajude a trabalhar o que nos pertence; sem Deus não poderíamos fazer nada.

Santíssima Trindade

Nós vamos pedir à Virgem Maria e a Jesus Cristo o que queremos, eles estão diante de Deus e enquanto santos terão uma inteira escuta junto do próprio Deus.

Salve Rainha

É uma oração à Virgem Maria na qual rezamos e lhe rogamos

E cantamos como os Anjos no Céu mas na terra continuamos a realizar o que se faz no Céu, é uma assimilação como os anjos no Céu porque os anjos cantam para Deus.

Bendita, louvada seja a Paixão do Redentor!

O Hino de Nosso Senhor Jesus Cristo Todo o mal pelo qual ele passou, toda a dor que lhe foi infligida E que pela sua grandeza de ser nunca abandonou quem quer que seja e mantém o seu rosto voltado para nós **Deus nos anjos é já de todos** É um canto global que cobre todas as canções cantado como uma ladainha e é o fim dos cantos dedicados aos santos masculinos e em seguida vêm os cantos dedicados aos santos femininos.

Salve Rainha

Ladainha da Virgem Maria, Mãe de Jesus Cristo e também nossa mãe quando Jesus exalava o seu último suspiro, Jesus disse a Maria que a partir de agora Ela é a vossa mãe, ela é a nossa mãe espiritual.

Divina Senhora

Nós cantamos a divina Mãe, é uma canção milagrosa porque serve ao bem-estar do nosso corpo e do nosso espírito.

Explicação das orações para os vivos e os mortos.

É uma oração para todos os que têm grandes intenções, ela é para os velhos e para os jovens, bem como para as mulheres jovens e Deus colabora a nosso pedido.

Senhor Deus

É uma oração para o nosso Deus porque estamos diante dele para lhe pedir através deste milagre que é um pedido na presença de Deus. É um hino mas é também um pedido. Deus resiste àquilo que lhe pedimos na Fé, Ele observa e nos dá mas como é um acto milagroso nós não podemos recebê-lo senão pela grandeza do coração e nesse momento o nosso coração está cheio de alegria porque estamos na presença de Deus.

Oferta e agradecimento

A última e derradeira

Quando a ladainha chega, toda a gente se apresenta à cruz para depor nela um ósculo e a Virgem Maria, nesse momento, está com todos os cristãos que estão presentes para assistir connosco.

A cruz é o nosso companheiro que nos protege através de todas as tentações.

A cruz é uma escada

que conduz as Almas até Deus.

Jesus Cristo deixou-nos a cruz na terra porque foi nela que foi crucificado e suportou todos os golpes do martelo mas para nós os pecadores isso foi um grande remédio.

É um remédio espiritual contra todas as agressões e quando temos connosco a cruz nós consideramos que é Jesus Cristo que está connosco, diante de nós - a cruz é uma imagem de semelhança.



Três tipos de ladainha:
Ladainha aos Mortos
Ladainha aos Anjos
Ladainha de Súplica ou Suplicação.

Ladainha aos Mortos:

É falar e oferecer ao santo, é ao defunto que se fala, ao defunto masculino ou feminino, fazemos súplicas a todos os santos em favor dos defuntos.

Exemplo:

São Miguel Arcanjo

Santo Agostinho

São José

Senhor Santiago, o melhor da nossa ilha, que nos traz água nos tempos difíceis.

Chamamos a Alma cantando o hino com muita ternura para receber a oração.

É o apoio à Alma. É uma grande festa para o defunto porque muitas almas vêm acompanhá-lo assim como as almas do Purgatório que vêm também apresentar-se e aproveitar; na ocasião da oração de sacrifício, pede-se através da ladainha a salvação da Alma que seja salva tanto a do defunto quanto as nossas próprias.

Glória ! No fim da oração de sacrifício, acendemos as velas, cantamos a luz do Espírito Santo para lhe indicar o caminho.

E quando a Alma recebe a luz do Espírito Santo ela se enche de alegria e como que dançando, ela roda sobre ela própria e vai rodopiando de contentamento.

E para rezar há três espécies de oração e três tempos, tempo de alegria, tempo de dor e tempo de glória.

O tempo de alegria é antes do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, isto é, o mistério da encarnação e num espaço de quarenta e cinco dias é o mistério doloroso, é o tempo do sofrimento do Nosso Senhor Jesus Cristo, é o primeiro dia de cinzas até ao dia da Páscoa glorioso, é após a ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo, é para a fortificação do discípulo na Fé antes que ele possa comparecer diante do Pai Eterno, isto é, o mistério glorioso.

Explicação da ladainha cantada

O mistério é uma coisa divina, é a salvação do cristão. Devemos guardar os mistérios até à chegada de Nosso Senhor Jesus Cristo. Não devemos rejeitá-los porque são a nossa defesa, nós é que podemos usá-los.

E para tudo isto há muitas canções divinizadas e cantadas do português e do latim que foram "crioulizadas".

Para começar uma ladainha diz-se que Deus está com os Anjos Mas agora Ele pertence a um todo e a toda a gente.

Isto é o pé da ladainha, em seguida, vem o hino.

É uma conjugação da palavra divina através dos cânticos e são cânticos que pertencem aos

Anjos porque todas são as palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo, dai ante o seu martírio antes de morrer; nelas está inscrito todo o seu sofrimento. Ele sofreu o escárnio, foi maltratado no seu corpo e na sua palavra e no entanto Jesus não tinha necessidade de sofrer mas sofreu pela causa do povo dos pecadores.

No hino está definido como é que se deve adorar a Deus, como é que se deve rogar a Deus e como é que se obtém uma realização. É por intermédio da adoração e da oração que se consegue colaborar com Deus.

Também é preciso ter uma Fé pura e uma esperança, bem como a Caridade porque esta é a melhor força, é ela que abre a porta do Céu.

Adorar é ter os joelhos dobrados no chão, ao rezar mostra-se a Deus a nossa intenção e é preciso baixar-se diante de Deus, para não parecer que se está de igual para igual perante o Nosso Pai Criador.

Ladainha do Anjo

É para a criança que tem menos de sete anos, consagramos pouco tempo em oração e pouca devoção porque a criança traz nela pouco pecado pede-se ao Anjo a sua salvação e pede-se-lhe também a nossa salvação..

Ladainha da Suplicação dirigida a um santo escolhido

Senhor Santo António
É um hino. Através deste hino, pedimos-lhe o Milagre porque ele próprio é transportador

de milagre, para expulsar o demónio, os maus e salvar as nossas almas de todos os perigos.

o senhor santo António ajuda-nos também a encontrar as coisas que perdemos.

Deus é Espírito

o Demónio é Espírito

e tudo está em nós, tanto o bem como o mal e o mal navega em nós.

o Pecado não é algo que se apanha mas é o exemplo que traz o resultado das suas acções e nisso ele não está nem no Negro nem no branco, ele está em todos nós mas aquele que pertence a Deus,

Deus sabe como lhe dar a salvação.

eu, Agostinho, devo ensinar como se ora,

como se comunica com Deus e de que

maneira se pode fazer apelo a Deus.

deve-se chamá-lo com o coração puro

estar sem maus pensamentos

Usar uma boa linguagem para com Deus

para que ele possa enviar o seu Espírito

Santo a encarnar-se em nós.

é também a linguagem do Demónio que,

ao contrário do bem, pode encarnar-se em

todo estado para prosseguir a sua obra

e tudo isso vem do coração.

quando se pensa no bem, é o espírito

de Deus que nos domina,

quando se pensa no mal, é o espírito

do demónio que nos domina,

um é o mau exemplo e o outro é

o bom exemplo.

mas nós sabemos que o tempo do demónio

terminará dentro em breve e Jesus Cristo

virá retomar o seu reino na terra.



A cruz

o sinal da cruz é um sabão para lavar a alma,
a cruz é uma escada que conduz as almas até Deus.
para nós, ela é muito grande porque ela nos ajuda e nos protege do perigo e da tentação do Demónio
fazer o sinal da cruz é abençoar-se
fazer a cruz sobre a fronte significa livrar-se de maus pensamentos
fazer a cruz sobre a boca significa livrar-se de linguagens más
fazer a cruz sobre o peito é livrar-se das coisas más que podem advir do coração
são três cruzeiros que são o sinal de Deus o Pai Eterno e um timbre do nosso pai divino.

A vida espiritual

ela é simples
devemos pensar em todas as coisas divinas e unicamente a palavra divina
devemos pedir e devemos orar
é uma grande colaboração com Deus e devemos esperar para receber mais e é possível que não recebamos na vida corporal
mas recebê-la-emos na vida espiritual

A Liberdade na vida

devemos, em primeiro lugar, sofrer todos os suplícios que é uma grande prova da nossa Vida Espiritual e recebemos a parte

que nos é devida na vida espiritual e não podemos alcançar isso sem sofrer.

As saudações

é uma educação dos tempos primórdios é uma maneira de ser que nos ensina a humildade é uma gentileza e uma forma de bem tratar o companheiro

é uma grande colaboração porque devemos pensar em como honrar a nossa companhia é um enigma é uma bênção como Deus abençoa os anjos portanto devemos abençoar os mais pequenos e demonstrar caridade nos nossos actos... é um direito de amar aos outros como a nós mesmos...

Os tempos

o nosso tempo actual pertence ao tempo do Ferro mesmo as crianças de agora nascem com uma natureza diferente e o Homem tem outra natureza antes vivia em colaboração estreita com uma paz interior e era mais gentil agora é o tempo do anticristo o homem é mais dominado pelo Mal... o tempo do ferro pertence ao fim dos tempos e o tempo do ouro vem a seguir

Cânticos sagrados de Cabo Verde - A litania dos Rabelados

Chants sacrés du Cap Vert - La litanie des Rabelados

